

OLÍMPIA E TEÓFILO



ORG. VICTÓRIA DO MONTE RODRIGUES

AP

ASA DA PALAVRA



OLÍMPIA E TEÓFILO

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

Sa22o

Saint-Aubin, Caroline-Stéphanie-Félicité du Crest de
(Madame de Genlis), 1746-1830.

Olímpia e Teófilo / Caroline-Stéphanie-Félicité du Crest
de Saint-Aubin ; organização: Victória do Monte Rodri-
gues. – Campinas, SP : Asa da Palavra, 2023.

171 p. il.

ISBN 978-65-87407-34-0

E-book no formato PDF

1. Ficção francesa. 2. Literatura infantil. I. Rodrigues,
Victoria do Monte, 2000-. II. Título.

CDD: 840.9282.15

Copyright © 2023 by Asa da Palavra

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19 fev. 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autori-
zação, por escrito, dos detentores dos direitos.

Conselho Editorial da Asa da Palavra

Daniela Birman

Érica Lima

Jacqueline Peixoto Barbosa

Jefferson Cano

Lúcia Granja

Marcos Siscar

Mário Frungillo

Viviane Veras

Direitos reservados à

Asa da Palavra

Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571

Campinas – SP – Brasil – CEP: 13083-859

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/asa-da-palavra/>

Instagram: @asadapalavraeditora

Facebook: /asadapalavraeditora

Twitter: @asadapalavra_

OLÍMPIA E TEÓFILO

MADAME DE GENLIS

Org. Victória Montes Rodrigues

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Vigésimo Quinto Serão	41
Vigésimo Sexto Serão	101
NOTAS	157
REFERÊNCIAS	167



Apresentação

Victória do Monte Rodrigues

Pesquisadores da área de literatura: o que comem, o que fazem, onde estão?

Será que você já parou para pensar nisso? Geralmente, as pessoas olham para estudantes de Letras e pensam que as suas pesquisas envolvem unir a literatura e a educação, mas o campo literário é muito mais abrangente que isso. A literatura pode ser estudada dentro do campo da teoria literária, da educação, da história, da sociologia...

E foi com o interesse em estudar a literatura no campo da teoria literária que eu decidi cursar o Bacharelado em Estudos Literários na Unicamp. Mal sabia eu que me tornaria uma espécie de investigadora. Quer saber uma das minhas aventuras como pesquisadora?

Eu conto para você!

Seguindo as pistas de Uzerche

Esta história que irei contar começa em 2020. Com a pandemia, minha graduação passou a ser on-line e, sob orientação da professora Orna Levin, fiz um trabalho sobre a relação entre uma narrativa publicada em folhetim e o periódico em que ela havia sido publicada, que poderia ser escolhido na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, filtrando pelo século XIX. No meu caso, eu escolhi estudar o periódico *O Sexo Feminino* e o folhetim incompleto “Mathilde e Eduardo”.

O jornal estreou em 7 de setembro de 1873, na cidade de Campanha, Minas Gerais. Seu subtítulo era *Semanario dedicado aos interesses da mulher* e sua primeira edição foi uma edição-manifesto, justamente no dia em que se comemora o aniversário de Independência do Brasil. O periódico nasceu com anseios de emancipação feminina e buscou marcar o início de novos tempos para as brasileiras: a sua liberdade. No texto “O dia sete de Setembro”, a autora escreve que:

Pois bem, este dia marcará também em nossa história pátria uma época não menos memorável - a independência da mulher, cujo eco se faz ouvir na imprensa por um órgão - O Sexo Feminino. E pois,

Viva a independência do nosso sexo!

Viva a instrução da mulher!

Vivão as jovens campanhenses!¹

Esse jornal ficou bastante conhecido em sua época, tendo uma tiragem regular de 800 exemplares, mas podendo chegar até mesmo a uma tiragem de 4.000 exemplares em reimpressões de edições passadas, feitas a pedido das leitoras.² Além disso, o jornal circulava por várias regiões do país e também era lido na Espanha e nos Estados Unidos.³ Em seu segundo ano, a coluna “Noticiario” informou ter recebido uma “Assignatura Honrosa. – S. M. Imperial o senhor D. Pedro II, acaba de demonstrar que é dedicado protector das letras, mandando tomar uma assignatura do periódico *Sexo Feminino*”.⁴

O jornal tinha quatro páginas, com duas colunas em cada uma delas. No segundo ano de atuação, o formato permaneceu o mesmo, mas o tamanho da letra diminuiu e o do papel aumentou. O periódico trazia textos diversos, sendo os da primeira e segunda páginas os principais; depois os textos eram divididos por seções, como “Religião” e “Variedades”. Na última página geralmente estava a coluna “Noticiario” e, no segundo ano, a coluna “Anuncios”, que também passou a ser uma novidade.

O conteúdo do jornal era basicamente sobre instrução, educação doméstica, textos sobre história da sociedade, mulheres de destaque e assuntos religiosos; esse último voltado à doutrina católica. Além disso, de

acordo com a data, havia alguma homenagem para os governantes da pátria – a família Imperial. Todos esses assuntos poderiam aparecer em forma de texto em prosa, poesia ou carta assinada. A partir de 1874, o jornal passou a contar também com folhetins.

“Mathilde e Eduardo - Romance Moral” começou a ser publicado em 22 de julho de 1875, mas fez uma pausa até o dia 19 de setembro. Quando comecei a ler o texto, achei que ele seria perfeito para o trabalho, porque me parecia um texto quase “encomendado” pelo jornal, pois muitos textos publicados no periódico tinham relação com o enredo, como o fato de Mathilde não ser uma moça independente.

As personagens principais são o casal Mathilde e Eduardo, que se conhecem desde pequenos na região francesa de Uzerche. O pai de Eduardo é um barão, viúvo, que acabou gastando grande parte de sua herança, passando a criar o filho no campo. Ele faz amizade com Laura, uma vizinha que não é casada e nem tem filhos, mas cuida de sua sobrinha órfã e sem herança, Mathilde, pouco mais nova que Eduardo. Laura é muito rica e, sabendo que o seu filho, Eduardo, é apaixonado por Mathilde, o barão faz um contrato com a senhora, que promete deixar tudo o que tem para a sobrinha, criada como se fosse filha.

Ao completar 16 anos, Mathilde fica sabendo que está noiva, mas ela e Eduardo nutrem um sentimento um pelo outro, o que não torna esse contrato algo totalmente forçado. No entanto, prestes a se casar, algo acontece e faz com que os apaixonados tenham que se separar. Intrigas, ganância, mentiras... tudo isso fica no meio do casal e não sabemos de quem pode ser a culpa por trás das tramoias que separam Eduardo de sua amada Mathilde. Mas será que eles conseguirão ficar juntos?

Spoiler: não sabemos.

Isso mesmo.

Fim.

A não ser que você tenha espírito de investigador...

Era o fim da leitura n'O *Sexo Feminino*, pois a Hemeroteca Digital não tinha mais edições do periódico disponíveis. Contudo, não era o fim da narrativa.

Curiosa e ávida por um final, eu vasculhei a internet atrás desse folhetim. A única menção de autoria em *O Sexo Feminino* era “sra. D”. Mas quem é essa senhora? Quase desistindo, li artigos que falavam que os folhetins sofriam várias traduções, inclusive nos nomes de personagens. Então se tornava mesmo difícil! Como encontrar Mathilde e Eduardo se eles poderiam não ser Mathilde e Eduardo? Eis que uma luzinha surgiu: o nome do lugar em que a história começava.

Eu deveria ir atrás de Uzerche, a comuna francesa em que o nosso casal se conheceu.

Dito e feito, encontrei o folhetim.

Com a ambição de democratizar e facilitar o acesso a diversos livros, o Google Books tem disponibilizado obras digitalizadas de bibliotecas ao redor do mundo todo. O mais legal é que, dentre esses livros recolhidos na plataforma, temos acesso a centenas de antiguidades. E foi lá que eu encontrei a coleção *L'Esprit des journaux françois et étrangers par une société de Gens-de-Lettres* [O espírito dos jornais franceses e estrangeiros por uma sociedade de Homens de Letras], cujo volume 10 traz uma breve sinopse de vários folhetins franceses. Para a minha surpresa, o nome Uzerche se destacava no início do folhetim *Olimpe & Théophile ou les Herneutes* [Olímpia e Teófilo ou os Morávios].⁵ A partir disso, encontrei o livro *Les veillées du château, ou cours de morale à l'usage des enfants* [Os serões do castelo, ou lições de moral para crianças], publicado em 1784 pela condessa de Genlis, Stéphanie Félicité du Crest.

E foi assim que eu encontrei “Mathilde e Eduardo”, também chamados de “Olimpe e Théophile”. Como a vida de universitário não é fácil, surgiu mais um problema: eu sabia muito pouco de francês e o texto estava nessa língua. Com as férias chegando e trabalhos ainda por fazer, foi fácil desistir de tentar ler a história.

Minha graduação foi andando e me formei, mas eu ainda me lembrava volta e meia daquele folhetim sem final.

Em 2023, porém, eu comecei uma disciplina da pós-graduação em Teoria e História Literária com a professora Márcia Abreu. Logo no primeiro dia, ela lançou um desafio: resgatar uma história fora do cânone. Do meu lado, eu também me lancei um desafio. Eu iria atrás de “Mathilde e Eduardo”. E assim, essa história recomeça.

Eu já sabia o nome original, o livro de onde a história foi tirada e o nome da autora. contei para a turma e para a professora, que comentou “Ela era muito famosa na época!”.

Famosa? Eu estava por fora. Por um acaso você, leitor, já ouviu falar em Madame de Genlis? Ninguém que eu conhecia sabia da existência dela, além da professora. É, eu teria um trabalhão então pela frente. Como assim? Ela era famosa e simplesmente sumiu? Será que ela era famosa na Europa e por um acaso teve parte de uma de suas histórias publicadas de modo incompleto no Brasil?

Eram tantas perguntas... mas, de novo, eu recorrería aos nomes. No caso, ao que me salvou no último trabalho: Uzerche.

Vasculhando o nome de Uzerche na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontrei o seguinte:⁶



Edição d'O Tico-Tico em que aparece o início da história "Olímpia e Teófilo" (17/10/1923, p. 7).

Encontrou Uzerche? Eu também!

Quando vi esse jornal, os nomes "Olympia e Theophilo" saltaram aos meus olhos e chamaram minha atenção para o título *Os Serões do Castello*, que, vejam só, é a tradução, palavra por palavra, de *Les veillées du château*, a história que eu procurava desde 2020!

Sim, é isso mesmo o que você está pensando. Esse jornal não só iria me contar o final de uma história de amor que eu comecei a ler anos atrás, como também me mostraria a tradução toda do livro de Madame de Genlis. Vendo edições passadas,⁷ descobri a ponta do *iceberg* sobre quem seria essa mulher tão famosa (na época dela):



Anúncio da publicação de “Os Serões do Castelo” no jornal *O Tico-Tico* (08/07/1921).

A mulher era professora de príncipes! E, pelo visto, era ótima escritora para crianças, pois o jornal que iria publicá-la era um dos primeiros jornais infantis em circulação do Brasil. E vejam só como se referiram ao livro dela: “o melhor presente”! Foi muita informação. Além disso, posteriormente descobri que um daqueles príncipes tornou-se o rei Luís Filipe I.

Na primeira edição em que publicaram a introdução do livro, é possível perceber uma diferença enorme em relação a *O Sexo Feminino*. Madame de Genlis não era “sra. D”. Pelo contrário, seu nome estava em destaque como a autora do texto, havia uma breve biografia com suas obras mais famosas e, ainda, um retrato seu:⁸



Breve biografia de Madame de Genlis em que se publicava “Os Serões do Castelo”.

Além dessa menção à autora, outra coisa que distingue as duas versões de publicação, além, claro, dos nomes das personagens, é o conteúdo. A versão “Mathilde e Eduardo” também modificou algumas partes do texto, acrescentando cenas dramáticas que não existiam na versão francesa, que você verá futuramente.⁹ Nesse sentido, Roger Chartier, famoso estudioso da história do livro e da leitura, escreve que “para outros [tradutores, a tradução] era uma tarefa da qual foram encarregados, mas que podia tornar-se também um ato literário”,¹⁰ por isso tal interferência no texto aconteceu.

Voltando ao mais importante: *O Tico-Tico* tinha a história completa publicada entre 17 de outubro de 1923 e 24 de junho de 1925!

O que podemos questionar agora é: como uma história voltada para moças e mulheres, que eram o público-alvo do *O Sexo Feminino*, foi parar nas páginas de um jornal voltado para crianças, *O Tico-Tico*?

Como comentei anteriormente, *O Sexo Feminino* almejava a emancipação da mulher, para que ela tivesse acesso à educação formal e não dependesse de seus pais e irmãos. Além disso, as colaboradoras do jornal traduziam alguns textos em francês, que falavam da mulher, da educação e de valores morais. Dentre esses textos, o folhetim “Mathilde e Eduardo” trazia em seu enredo a história de um casal em que a mocinha passa por diversas provações após perder sua tutora, pois encontra-se sozinha e sem ter como se manter, já que a tia não deixou testamento destinando os recursos para Mathilde. Assim, os conflitos iniciais da história ilustram justamente o porquê da postura d’*O Sexo Feminino* a favor da emancipação da mulher era tão importante.

Por outro lado, os leitores d’*O Tico-Tico* aproveitaram a leitura por conta de outros fatores também presentes no enredo. Pesquisando sobre esse periódico, descobri que ele foi lançado em 22 de novembro de 1905.¹¹ Na virada do século, também tivemos o advento da República e os impressos tornaram-se importantes meios para veicular novos ideais e formar cidadãos para a pátria. Desse modo, *O Tico-Tico* veio para suprir a falta de jornais voltados ao público infantil, que deveria ter contato com um meio de comunicação que pudesse, por meio das histórias e textos, ensinar o “amor à família e à pátria, a prática de boas

ações e, sobretudo, o sacrifício dos interesses pessoais pelo coletivo [...]”.¹² Para esse público, então, a história criada por Madame de Genlis era altamente recomendável devido ao enredo que traz como moral a importância da família e que os filhos não devem se afastar do seio paterno.

Sendo assim, tenho a hipótese de que “Mathilde e Eduardo” foi publicado por conta do contato que as editoras tinham com a literatura francesa, enquanto “Os Serões do Castello”, que reunia diversas histórias, foi divulgado devido ao fato de ser, originalmente, um livro infantil. Em ambos os casos, tal publicação teria sido motivada, ao meu ver, principalmente, pelo conteúdo da história em si, que, por diferentes aspectos, era proveitoso tanto para moças e mulheres quanto para crianças. Se levarmos em conta o contexto de publicação, temos diferentes cenários: em primeiro lugar, Madame de Genlis publicou a história em 1784, antes da Revolução Francesa, numa época em que havia uma monarquia absolutista; em segundo lugar, *O Sexo Feminino* data da época do Brasil Imperial e publicou o texto em formato de folhetim na cidade da Corte, Rio de Janeiro; por fim, em terceiro lugar, o enredo foi novamente traduzido e publicado em folhetim n’*O Tico-Tico* quando o Brasil já estava no período republicano. *O Sexo Feminino* tinha como público jovens e mães

de família. Para esse público, exaltar virtudes e o amor à família, bem como sacrifícios que devem ser feitos em prol do bem familiar, era fundamental para essas leitoras. Condizia com a realidade delas.

Desse modo, acredito que importava mais a história em si e os ideais e valores que ela poderia transmitir nos contextos específicos de cada jornal. Além disso, a mudança de público não aconteceu só aqui. Em uma edição publicada em 1826,¹³ consta, no prefácio escrito pela própria Madame de Genlis, que o livro *Os Serões do Castelo* era para ter sido inicialmente escrito para crianças de seis ou sete anos. No entanto, ela percebeu que essas crianças não entenderiam as histórias e, por isso, ela destinava o livro às crianças de doze ou treze anos. Logo, no Brasil, a mudança teria acontecido em *O Sexo Feminino*, e não n' *O Tico-Tico*.

Apesar de uma história de amor em que o casal protagonista passa por diversas situações conflitantes pareça ser mais adequado para um público mais maduro, o formato do texto original traz Madame de Clemire e sua mãe contando histórias à noite, os serões, para um grupo de crianças. Marquês de Clemire foi para a guerra e os serões eram uma forma de animar os filhos, que ficaram no campo com a avó e a mãe. Ao longo dos serões, as histórias são interrompidas por comentários das crianças e das narradoras,

que reforçam algum ponto do enredo ou trazem alguma lição.

Citando outro exemplo de mudança de público, o pesquisador Juan Altamira investigou a presença de Madame de Genlis na era vitoriana.¹⁴ Ele comenta que, na Inglaterra, ela teria conquistado uma audiência diversa, tanto pelos seus escritos educacionais e ideais iluministas franceses, quanto pela curiosidade em conhecê-la pelo seu esforço em ter subido na sociedade estratificada do Antigo Regime. O pesquisador escreve também que a vida pessoal e profissional da francesa teve forte relação com a Inglaterra, e suas viagens antes e depois da Revolução Francesa permitiram que ela adentrasse o círculo intelectual inglês. Para termos uma ideia, Madame de Genlis publicou, na França, *Théâtre à l'usage des jeunes personnes* [Teatro para os jovens] entre 1779 e 1780. Em 1781, essa obra já estava à venda na Inglaterra numa versão traduzida.

Até aqui, vimos que algumas obras de Madame de Genlis saíram da França e foram para o Brasil e para a Inglaterra, mas podemos supor que elas também foram para outros países, por conta do contexto histórico francês. Paris, segundo a crítica literária francesa Casanova, era considerada a capital da República Mundial das Letras e, inclusive, alguns autores se afirmaram no campo literário

a partir de Paris mesmo sendo de outras nações e tornaram-se representantes literários de seus países.¹⁵ Logo, as obras publicadas na França eram vastamente difundidas pelo mundo. Ter uma autora que fala de dentro do Antigo Regime, é professora dos filhos do Duque de Orléans e, posteriormente, foi espiã de Napoleão Bonaparte,¹⁶ devia ser um prato cheio para que os editores aproveitassem sua vasta obra e publicassem-na fora.

Retomando as publicações no exterior, quão popular Madame de Genlis deve ter sido? Já sabemos que na Inglaterra ela teve público diverso, mas e no resto do mundo? Algumas ferramentas de pesquisa podem nos dar umas dicas: o site Google Scholar, um plataforma de pesquisa que reúne um acervo de publicações científicas, apresenta, aproximadamente, 3.670 resultados com o nome Madame de Genlis; o ResearchGate, que funciona como uma rede social de pesquisadores e de divulgação de artigos, cerca de 1.000 resultados; o JStor, um arquivo online de revistas acadêmicas, traz em torno de 1.440 e a plataforma de periódicos da Capes, que reúne periódicos nacionais e outros assinados com editoras do exterior, mostra aproximadamente 245 resultados para o termo “Genlis”. O banco de teses da Capes, por sua vez, não traz nenhum resultado. Esse último é um portal que reúne a produção científica

brasileira na pós-graduação, ou seja, não há produções nacionais que investigaram a autora francesa. Outro site muito interessante para se fazer pesquisas é o WorldCat, um portal em que é possível ver em quais bibliotecas do mundo determinado autor ou livro está. Esse site indicou em torno de 3.670 resultados com o nome “Madame de Genlis”. Pesquisando pelo livro *Les veillées du château* [Os serões do castelo], de acordo com ele, o livro foi publicado em Edimburgo, Londres, Dublin, Philadelphia, Belfast, Glasgow, Perth, Michigan, Leipzig, Berlim, Paris, Hamburgo, Limoges, Bruxelas, Veneza, Viena, Maestricht e Genebra. A maioria das publicações foram datadas do fim do século XVIII e início do século XIX, justamente a época em que Madame de Genlis ainda estava viva e trabalhava avidamente. Mas e recentemente? O site mostra que há publicações dos séculos XX e XXI, mas não passam de 40 publicações, sendo 13 delas publicadas entre 2000 e 2021.

Outra plataforma, que me era desconhecida até eu começar a pesquisar sobre Madame de Genlis, é o Internet Archive, que funciona como um reservatório de livros antigos e outras mídias. Para a minha surpresa, o site indicava mais de 24.000 ocorrências para “Madame de Genlis”. Se eu já estava começando a perceber que Madame de Genlis era uma autora de prestígio, agora eu tinha certeza absoluta da fama dela.

No entanto, olhar tudo isso seria impossível dentro do tempo disponível para esta investigação. Sendo assim, eu teria que focar em alguma coisa.

Nota para quem for aluno ou pesquisador: é importante ter objetivos e metodologia.

Concluí que Madame de Genlis chegou a ser conhecida mundialmente, mas meu objetivo seria investigar quão conhecida ela teria sido pelo público brasileiro. Para isso, eu contaria, principalmente, com o auxílio da Hemeroteca Digital e pesquisas em fontes secundárias.

Não encontrei pesquisas dedicadas exclusivamente a ela, no Brasil. Mas a pesquisadora Larissa de Assumpção,¹⁷ que investigou os catálogos da biblioteca da família Imperial do Brasil, descobriu que doze obras de Madame de Genlis estão lá. Isso é um dado e tanto. Se a realeza conhecia as obras dela, possivelmente a população ou pelo menos a elite poderia também ter entrado em contato com seus textos, além dos que *O Sexo Feminino* e *O Tico-Tico* divulgaram.

No caso da pesquisa em jornais e revistas digitalizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, meus resultados foram escassos. Estava difícil encontrar algo buscando por “Madame de Genlis”. Então, lembrei da minha relação com o termo Uzerche. Nesse caso, eu não poderia usá-lo novamente, ou só encontraria as mesmas ocorrências de *O Sexo Feminino* e *O Tico-Tico*. Porém, Uzerche era

uma palavra só e eu já havia percebido que, mesmo em *O Tico-Tico*, a Hemeroteca não estava localizando todas as ocorrências de “Madame de Genlis”. Foi aí que eu passei a procurar por “Genlis”.

A ideia era acessar a busca por “Local”, selecionar individualmente cada estado brasileiro, escolher todos os periódicos e pesquisar pelo termo “Genlis”. Por fim, eu lia as ocorrências que aparecessem.

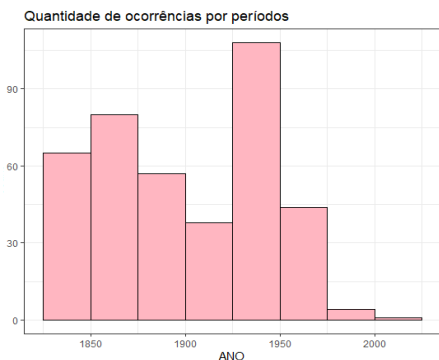
E, ao contrário do que alguns leigos possam pensar, a investigação literária é, sim, cansativa. A Hemeroteca me mostrou, só no Rio de Janeiro, mais de 1.000 ocorrências. Apesar de ser uma plataforma incrível que facilita o trabalho dos pesquisadores, ela não é perfeita. Das centenas de ocorrências do termo em todos os estados brasileiros, a grande maioria era, na verdade, “Gerais” e “gentis”, lidas erroneamente como “Genlis” pelo programa. Algumas ocorrências de “genlis”, por sua vez, se referiam ao bosque de Genlis ou a algum militar com esse nome de guerra ou mesmo à *socialite* franco-brasileira Alice Genlis. Essas ocorrências foram descartadas na contagem final.

E, como ossos do ofício, eu passei por todas essas ocorrências. No total, foram 397 ocorrências relacionadas a Madame de Genlis em diversos locais do Brasil: 284 estavam em

jornais do Rio de Janeiro; 32 de Pernambuco; 23 de São Paulo e o resto nos demais estados.

O mais interessante foi que, durante essa vistoria, pude anotar o conteúdo dessas ocorrências e o ano em que apareceram. Assim, poderemos ter uma noção da época em que Madame de Genlis mais foi comentada e o que se falava sobre ela.

O gráfico a seguir mostra que a maior parte das ocorrências sobre a autora foi no período de 1925 a 1950, o que parece ser muito revelador, levando em conta que *O Tico-Tico* começou a publicar “Os Serões do Castelo” na década de 1920. Isso me leva a supor que a divulgação tenha, de algum modo, lembrado aos escritores e colaboradores de jornais que ela era uma figura importante. Outro fato que chama atenção é que as ocorrências na Hemeroteca começaram a surgir apenas em 1825, ou seja, cinco anos antes de Genlis falecer, em 1830. Há apenas uma única ocorrência nos anos 2000, que é uma menção feita à autora em 2009.

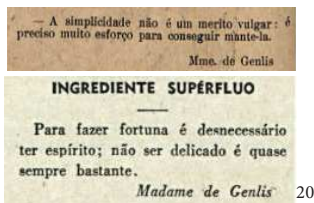


Histograma das ocorrências do termo “genlis” na Hemeroteca Digital entre os anos de 1825 e 2009.

A respeito dos conteúdos dessas ocorrências, agrupei todas dentro dos seguintes tópicos: frase, menção, venda e celebridade, rei, mulheres, livro, educação, texto, leilão, biografia e crítica.¹⁸

Em frase (73), listei as ocorrências de citações de Madame de Genlis, que apareciam em seções de “Máximas” nos jornais. Essas seções geralmente estavam no cabeçalho ou rodapé das páginas dos jornais, como as seguintes:¹⁹





Exemplos de “Máximas”, em que se lê frases de autoria de Madame de Genlis.

Em menção (72), listei todas as ocorrências em que o nome dela era apenas mencionado ao longo do texto, sem maiores detalhes, como um texto que falava de Rousseau e citava suas discípulas, dentre elas, Madame de Genlis,²¹ e outro que a menciona junto com outras francesas ao comentar que elas nunca estarão nos liceus ou academias porque outras coisas as esperam.²²

Já em venda (67), estão listadas todas as ocorrências de livrarias anunciando a venda dos livros de Genlis. A maior parte dos livros era vendida em francês. Algumas ocorrências trazem os títulos traduzidos, mas em listagens de “livros em francês”, então não podemos afirmar se todas as vezes que os títulos estavam em português se tratava de obra traduzida. Em geral, os livros custavam entre 500 e 1500 réis, sendo 500 o preço “baratíssimo”. O custo do quilo da batata, por exemplo, era cerca de 300 réis em 1915 e uma diária de hotel, aproximadamente 4 mil réis.²³ Há, no entanto, anúncios sobre o livro *D. Inez de Castro*, de autoria de Genlis, traduzido

para o português pelo baiano Caetano Lopes, em edição ornada e com rica encadernação, custando 2500 réis.²⁴

No tópico celebridade (61), contei as vezes em que ela apareceu como personagem de algum folhetim, como em “O filho de Marat”,²⁵ do célebre Alexandre Dumas, autor de *O Três Mosqueteiros*; fofocas envolvendo o nome dela, como a que dizia que ela era amante do chefe;²⁶ comentários sobre como ela estivera vestida em determinada ocasião;²⁷ e anedotas em que ela era personagem.²⁸ Houve inclusive um texto que mencionava o nariz dela!²⁹ Tudo isso ilustra que ela era famosa em seu tempo, pois ninguém faria uma anedota com o nome de alguém se não fosse uma figura conhecida, ou dedicaria espaço no jornal para contar um segredo de uma pessoa que não era conhecida.

Mme. de Genlis, dotada de um nariz todo diverso do das precedentes personagens, considerava-o um nariz modelo, a julgar-se por algumas passagens de suas Memórias. Tendo-lhe feito o gravador um nariz aquilino em uma medalha cunhada em honra sua: « Será este aquelle narizinho retorcido? exclama ella... Esse nariz foi

Exemplo de fofoca envolvendo Madame de Genlis.

A pesquisa na Hemeroteca também me revelou algo de muito destaque: Luís Felipe, foi

coroado rei dos franceses em 1830, pouco antes de sua professora, Madame de Genlis, morrer. Consultando outras fontes, descobri que ele subiu ao trono no final da Revolução de 1830, prometendo ao povo que governaria sob uma monarquia constitucional.³⁰ Sendo assim, na categoria rei (32), considere as vezes em que o nome de Madame de Genlis foi citado em textos sobre a realeza francesa e sobre o rei Luís Felipe, visto que ela era da corte e foi preceptora dos Orléans. Em mulheres (31), estão as ocorrências em que o nome dela apareceu em algum texto voltado especificamente para o público feminino, como um que fala da indignação feminina perante uma situação e a menciona como “distinta pena (Mme. Genlis) orgulho da culta França e do nosso sexo”³¹ e textos que falavam de autoras e que a mencionaram como célebre escritora.

Em livro (21), listei as vezes em que alguma obra dela foi mencionada. Aqui, também contabilizei três ocorrências especiais. Nos séculos passados, alguns livros eram considerados artigos de luxo e, muitas vezes, eram publicados em volumes para que as pessoas pudessem comprar a história em partes, em vez de gastar uma grande quantia de uma vez em um volume único. Por não serem tão acessíveis, os gabinetes de leitura eram lugares bastante frequentados por aqueles que gostavam

de ler, pois as pessoas poderiam alugar os livros que lá estavam.³² Uma ocorrência listada tratava da chegada de três livros de Madame de Genlis ao gabinete de leitura do Pará³³ e outras duas noticiaram seu livro *D. Inez de Castro*, recebido pelo Centro Literário e Recreativo Nazareno, em Pernambuco.³⁴ Essas ocorrências mostram que havia a possibilidade das obras dela terem sido conhecidas pelo público que frequentava esse tipo de lugar e, considerando que os estados do Pará e de Pernambuco eram mais afastados dos centros comerciais daquela época, isso demonstra que o acesso aos livros de Madame de Genlis não estava restrito ao eixo Rio-São Paulo, por exemplo.

As ocorrências sobre educação (14) tratam dos textos voltados para a educação que mencionam Madame de Genlis como professora e autora de textos educativos. Em geral, essas ocorrências tratavam da qualidade dos livros dela para ensinar valores às crianças e mencionavam seu estilo de ensinar, tornando seus alunos independentes. Em texto (12), tem-se o número de vezes em que os jornais traziam trechos de obras dela (o tópico “citações”, por outro lado, traz curtas frases em destaque como máximas). Uma dessas ocorrências foi num jornal do Piauí,³⁵ que publicou um primeiro capítulo do folhetim “Mademoiselle de Clermont”, de sua autoria. Só há uma edição

do jornal, então não se sabe se o folhetim foi publicado de modo completo.

Em leilão (6), temos as vezes em que obras dela foram anunciadas em leilões; enquanto biografia (6), trata-se do número de ocorrências que informaram algo sobre a vida dela, em geral memorandos sobre o aniversário de morte da importante autora francesa, Madame de Genlis. Uma ocorrência³⁶ menciona que ela escreveu mais de 80 livros e recebeu um cargo no governo de Napoleão Bonaparte, no qual ganhava uma pensão de 6.000 francos anuais, apenas por trocar correspondências com ele! Outras duas ocorrências também mencionam essa pensão.

Por fim, o tópico crítica (2), que são as ocorrências que mencionam a autora, avaliando seu trabalho. As ocorrências são de Santa Catarina e Pernambuco, mas não são de autorias brasileiras. A primeira, traduzida de Madame Simons Candeille, traz que “a condessa de Genlis deve ser indicada como a primeira entre essas mulheres [que produzem obras primas que instruem a metade da população] universais e dignas de todo o respeito pela sua atividade generosa e constante, pelas suas graças e luzes, pela sua perícia e talentos”.³⁷ A segunda ocorrência tratava-se de um texto sobre Mary Wollstonecraft e menciona que a autora “caracteriza o método da sra. de Genlis, cujas vistas são limitadas, e os preconceitos tão

desarrazoados, quanto tenazes. Há, entretanto, em seus escritos, diz ela, sentimentos, que honram seu espírito e seu coração”.³⁸

É bastante informação, mas isso mostra que Madame de Genlis teve uma circulação considerável no nosso país e era um nome bastante citado. Ressalto aqui que ela teve textos publicados no Piauí e apareceu várias vezes nos periódicos de Pernambuco!

Bom, agora que conhecemos um pouco sobre Madame de Genlis, convido você a conhecer um dos trabalhos dela. Nas páginas seguintes, você lerá o folhetim “Olímpia e Teófilo”,³⁹ adaptado ortograficamente d’*O Tico-Tico*. A versão d’*O Sexo Feminino*, incompleta, possuía uma tradução mais dramática e também inseriu um trecho que não estava presente no original. Esse trecho, para sanar a curiosidade dos leitores, foi inserido e notificado no texto que você lerá a seguir.

Antes, algumas informações. Apesar de ter sido publicado como folhetim, o texto original era um livro dividido em serões, como se fossem capítulos. Esses serões eram as noites de contação de histórias da família Clemire. Sendo assim, é possível ler esse texto em duas noites, que seriam os dois serões em que a história foi dividida. Ou, caso queira a experiência dos leitores juvenis, recomendo ler uma “edição de jornal” por dia.

Alguns significados de termos que possam ser de difícil compreensão estão nas notas de rodapé. Esses significados foram retirados do



dicionário on-line Priberam. Os trechos em *itálico* são diálogos entre a senhora de Clemire e seus filhos. Essas interrupções serviam para a autora ressaltar determinados pontos de seu enredo para o público infantil.

Por último, mas não menos importante, espero que tenha gostado de aprender um pouco sobre o trabalho de investigação literária e desejo uma boa leitura! E que a história de Olímpia e Teófilo lhe prenda assim como me prendeu!

Ah, para quem não se importa com *spoiler*, aí vai um: eles ficam juntos no final. Mas não do jeito que esperamos.



Vigésimo quinto serão

I

No fundo do Limousin, às margens do Vezere, vê-se ainda hoje um velho castelo que chama a atenção pela antiga construção e beleza de sua situação. Cercado de planícies cheias de gado, está edificado sobre o declive de uma colina da qual se vê o rio e, tem-se a perspectiva da linda cidade de Uzerche. É nesta solidão que o barão de Soligny, viúvo há muitos anos, dedicava todos os cuidados à educação de um filho único e amado.



Nascido com ambição, a necessidade, muito mais que a queda, prendia-o no seu retiro. Tendo dissipado uma parte da fortuna que possuía e perdido as risonhas esperanças que o haviam, por muito tempo, seduzido, o barão determinara deixar o mundo. Era um abatido e desencorajado. Entretanto, era sensível e estimava o filho; e Teófilo (era o nome dessa criança), foi digno, pelas virtudes que patenteava, de ser herdeiro do pai e fazer a felicidade de sua vida. O barão tinha por amiga íntima uma de suas vizinhas, chamada Eufrásia. Teófilo, vendo quase todos os dias a jovem Olímpia, sobrinha de Eufrásia, teve por ela inclinação afetuosa, cujo nascimento foi visto com muito prazer pelo pai. Olímpia era órfã e sem fortuna.

Eufrásia, porém, não tinha senão herdeiros colaterais, e o barão não ignorava que ela estava resolvida a deixar tudo que possuía à sobrinha.

Olímpia tinha apenas menos dois anos que Teófilo e quando fez dezesseis anos, o barão, entendeu-se francamente com Eufrásia.

No mesmo dia Olímpia e Teófilo souberam que seu casamento estava ajustado. Quinze dias depois, firmaram-se os contratos: Eufrásia aceitou com prazer o encargo de deixar toda a sua fortuna a uma sobrinha que tinha educado e a quem muito amava.

II

Teófilo, no auge do contentamento, esperava com a mais viva impaciência o dia marcado para o casamento; nada faltava a sua felicidade.

Era amado, bem o sabia, e na presença do pai e de Eufrásia havia obtido de Olímpia um juramento bem necessário a sua felicidade.

Chegou, enfim, a véspera do dia feliz em que Teófilo e Olímpia deviam se unir para sempre, quando Eufrásia caiu doente; e no quinto dia de sua enfermidade o barão recebeu uma carta de Paris, em que lhe comunicaram que um parente muito afastado, mas do mesmo nome que ele acabava de morrer, depois de ter feito testamento pelo qual o instituiu seu legatário⁴⁰ universal. Este acontecimento, que tornava o barão possuidor de fortuna considerável, forçava-o

a partir sem demora para Paris. Era impossível realizar o casamento de Olímpia e Teófilo antes de sua partida. Eufrásia estava tão doente que não poderia assinar o ato da cerimônia. Teófilo, obrigado a acompanhar o pai, mostrou-se tão triste e consternado que o barão, para consolá-lo, pediu a Olímpia que lhe escrevesse:

— É um pai quem vos pede e é a vosso esposo que escrevieis.

Olímpia prometeu, chorando, *dar notícias da tia*. O barão, por sua vez, afirmou que só ficaria seis semanas em Paris, e, no mesmo dia, partiu com Teófilo.

Chegado a Paris, o barão instalou-se num hotel e tomou posse da rica herança. Sua casa encheu-se logo de uma multidão de *amigos íntimos*, dos quais fora ele inteiramente esquecido durante doze anos. Primeiramente disse o barão:

— Minha fortuna será uma boa ceia que reúna esta tropa de covardes desertores!

Breve, porém, o amor próprio soube-lhe persuadir de que só ao muito que possuía devia todas as considerações e cuidados de que era alvo.⁴¹ Teófilo, atirado, de repente, num mundo tão novo e desconhecido, não ligava aos prazeres que lhe procuravam prodigalizar.⁴² Ocupado unicamente em Olímpia, esperava com a mais viva impaciência a efetivação de suas promessas: ela prometera escrever-lhe... entretanto essa

carta tão apaixonadamente esperada, não chegava. Finalmente o barão recebeu notícias de Limousin; mandaram-lhe dizer que Eufrásia não existia mais, e que, falecendo antes que tivesse recuperado o uso da razão, não fizera testamento e a infortunada Olímpia, achava-se reduzida à percepção de pequena mesada, que mal chegava para sua subsistência e que se havia retirado para um convento, em Tulle.

Essa notícia levou Teófilo a pedir ao pai que terminasse brevemente seus negócios a fim de partirem para o Limousin. As desgraças de Olímpia, disse Teófilo, mais querida a tornava dele. O barão pareceu aprovar tão puros sentimentos e, prometeu-lhe abreviar a partida. Teófilo imediatamente escreveu a Olímpia uma carta, prometendo-lhe estar junto dela antes de um mês.

Teófilo não ficou surpreso de Olímpia nos primeiros momentos de infortúnio, não lhe ter escrito, mas, quinze dias depois desse acontecimento, não tendo ainda recebido notícias, entregou-se às mais cruéis inquietações. O barão, consolou-o um pouco, assegurando-lhe que estava prestes a terminar todos os afazeres.

Um dia em que Teófilo, mais aflito do que de hábito, estava só no quarto, o barão veio procurá-lo e, sentando-se junto dele, disse em tom grave:

— Recebi notícias de Olímpia.

Teófilo, ouvindo tais palavras, quis apoderar-se da carta que o pai tinha na mão.

— Um momento, disse o barão; moderai a impaciência, não tenho coisas agradáveis a vos anunciar...

— Céus! Olímpia está doente?

— Não. Goza de perfeita saúde, mas não é mais digna de ti.

III

— Ela! Olímpia! Não! É impossível!

— Escutai o que me escreve um homem respeitável, cuja austera probidade não vos é desconhecida.

E assim falando, o barão mostrou ao filho a letra e a assinatura de um velho fidalgo do Limousin, cujo testemunho, com efeito, não podia ser suspeito. Depois leu ao filho o trecho da carta que se referia a Olímpia e que era o seguinte:

“Desde que me pedis a verdade com tanta confiança, devo vo-la dizer sem reboços. Confesso-vos que a jovem em questão, conduz-se com uma imprudência prejudicial a sua reputação. Tomara, primeiramente, à morte de sua tia, uma resolução muito sensata, tal a de se retirar para um convento; de lá, porém,

saiu no fim de quinze dias para morar em casa de uma amiga, que vira outrora em Uzerche, e que, casada há dois anos, reside numa herdade⁴³ nas vizinhanças de Tulle. Esta amiga não tem vinte anos e, infelizmente, foi objeto de várias histórias reprováveis que não a deixam ser vista na província com bons olhos. Tem um irmão, jovem presunçoso, a quem a sociedade não poderia admitir se ligasse a uma jovem de reputação firmada. De resto, de tudo isto não se tira consequência. Não se duvida que a sobrinha da virtuosa Eufrásia tenha princípios sólidos de honestidade: atribui-se sua ação impensada à própria inocência, à falta de experiência e à indiferença condenável de seu tutor que a deixa como senhora absoluta de todas as ações. Se escreverdes a ela, porém, a esse respeito, caro amigo e senhor, estou certo de que, fazendo as considerações que tendes o direito de fazer, tudo será reparado se a jovem voltar imediatamente para o convento.

Posso assegurar-vos, no entanto, que, aqui, não se vê em sua conduta senão insensatez e uma imprudência bem escusável para sua idade!”

Esta carta dilacerou o coração de Teófilo. Agitado, perturbado pelo crime, via ele no irmão da amiga de Olímpia um rival perigoso. Dissimulou, no entanto, a inquietação que o devorava e afetou mostrar a maior indiferença.

— Mas não é só, lhe disse o pai. A carta que acabais de ler é de um homem circunspecto, que não diz tudo que pensa. Eis uma outra de meu intendente, que se explica sem delongas e que manda dizer que tendes um rival; que Olímpia não pode ignorar uma paixão conhecida de todo o mundo, que ela a admite, continuando em casa da amiga e que, enfim, o jovem se gaba de lhe ter Olímpia entregue todas as vossas cartas...

— É um impostor! — exclamou Teófilo. Nunca acreditarei que Olímpia seja capaz de tal perfídia...

— É inconstante, respondeu friamente o barão, não é pérfida; não procura enganar-vos: não respondeu nem as vossas nem as minhas cartas e esse silêncio explica sua mudança...

— Não — interrompeu Teófilo — não me deixarei levar por falsas aparências... Olímpia é inocente... está caluniada: devo vingá-la. Meu pai, deixai-me partir; morrerei aqui se não puder me explicar com ela, quero ouvi-la, quero punir o homem que ousa ferir a sua reputação!

Assim falando, o infeliz Teófilo era presa do mais violento desespero. O excesso de dor não afastava seu ciúme. O pai, que percebia tudo que lhe ia na alma, falou:

— Enviemos um portador a Tulle: ele levará vossa carta e esperará a resposta. Se esta não satisfizer, permitir-vos-ei de partir.

Teófilo acedeu. Escreveu na mesma ocasião a carta mais detalhada possível, instruindo Olímpia de tudo que se articulava contra ela.



“Uma só palavra — ajuntou ele — poderá justificar-vos. Ficai, se quiserdes, em casa de vossa amiga, mas dizei-me se estais firme no cumprimento do juramento sagrado que nos liga; e serei o mais feliz dos homens”.

O barão aprovou a carta e a fez remeter imediatamente. O portador, enfim, que Teófilo esperava voltar com tanta impaciência, no fim de oito dias regressou. Teófilo ia deitar-se; ouviu tocar: tremendo, foi para o gabinete do pai.

IV

Um instante depois o portador entrou:

— Oh! — exclamou Teófilo — trouxestes resposta?

— Sim, senhor.

— Dai-ma.

— Não é dirigida a vós, senhor.

— Como?

— É para o senhor barão....

E assim falando, o portador entregou ao barão uma caixinha e uma carta. Depois, retirou-se.

— Que pode significar isso tudo? — disse o barão. O que conterà essa caixa?

Teófilo não respondeu; estava imóvel e trêmulo e não tinha coragem de apressar o pai a abrir a carta. Depois de um momento de silêncio, o barão rasgou o envelope, desdobrou a

carta e leu baixo. Teófilo, com os olhos fixos no semblante do pai, tremeu ainda mais vendo que a indignação ali se manifestava.

— Meu Deus! — disse ele com voz entrecortada — que vos manda ela dizer?

— Ah!, meu filho, disse o barão, armai-vos de coragem. Não, não tereis necessidade disso! Nunca podereis lamentar um objeto desprezível!

Ouvindo essas palavras, Teófilo empalideceu, caiu numa poltrona e, tomando a carta fatal que o pai lhe apresentou, ficou com os olhos rasos de lágrimas reconhecendo a letra e a assinatura de Olímpia. E leu o seguinte:

“Posto que me deixa agora a liberdade de dispor de minha vontade, devo, senhor, declarar-vos sem rodeios que somente a obediência me obrigou a prestar juramentos que não poderiam fazer minha felicidade. Essa confissão nos desembaraça um do outro. Tenho a honra, senhor, de vos remeter os presentes que minha querida tia ordenou-me de aceitar... Recebei, senhor, a afirmação de estima respeitosa com a qual sou

Olímpia.”

Depois de ter lido a carta, Teófilo ficou um instante em silêncio; em seguida, olhando o pai com olhar alucinado, falou:

— Vingar-me-ei! Vingar-me-ei!

— Como?

— Como? Tenho um rival. Ele morrerá!

— Sem dúvida tendes um rival amado; mas que vos importa? Não deveis desprezar e esquecer uma mulher indigna de vós?

— Sim, desprezo-a, odeio-a e esquece-la-ei. Seria, de fato, o mais vil dos homens se conservasse por ela a menor estima... Pérfida! Com tão doce fisionomia, com ar tão inocente, com tanta candura, esconder uma alma tão falsa!

— Ainda uma vez vos digo: ela não vos enganou; não vos ama, declara-o sinceramente.

— Ela me amava, mo disse... Estou certo disso, meu pai. Seduziram-na, enganaram-na. Ah! Se eu pudesse vê-la, falar-lhe, ouvir-lhe! Deixai-me partir! Que eu a veja, que eu lhe fale!

— Insensato! Tomai de novo a carta, releia-a e envergonhai-vos de uma paixão que só pôde nos aviltar!

— Ó meu pai, não me reconheço mais! Guiai-me, porque me entrego a vós!

O barão e o infeliz Teófilo passaram juntos o resto da noite. Não se deitou senão de manhã, mas não dormiu. À tarde, fechou-se no quarto e não apareceu a ninguém. No dia seguinte, Teófilo encontrou-se só com o barão, prometendo-lhe esquecer Olímpia e não falar mais nela, se bem

que ainda conservasse desejos de desculpá-la e de lhe dedicar um resto de estima.

— Mas, na verdade, mamãe, interrompeu Carolina, não vejo razão de se acusar Olímpia. Se de fato nunca sentiu amor por Teófilo, não se a pode acusar de inconstante. Além do mais, Olímpia era pobre, Teófilo rico e, no entanto, Olímpia não desejava desposá-lo porque julgava que ele não a pudesse fazer feliz. Acho isso nobre! Admitindo que Olímpia nunca tivesse amado Teófilo (o que não me parece provado), não lhe havia dito que o amava? Não recebeu suas juras e não prometeu se unir a ele?

— Isso é verdade, mas ela também confessa que a tia a forçara a tomar tal resolução. Desde que se decidira a casar com Teófilo por obediência, devia, depois da morte da tia, persistir em tal resolução, respeitando a palavra dada. Enfim, se Teófilo lhe inspirava uma aversão invencível, por que não o disse à tia, não pediu tempo para refletir ou mesmo não declarou que não podia consentir em tal união?

— Sim, começo a compreender que ela estava errada.⁴⁴

V

— Lembrai-vos ainda de que coisa alguma deve nos dispensar dos compromissos que assumimos. A declaração de que “O compromisso tomado não era de boa vontade” é uma excusa que a consciência não admite e a probidade não aceita. Vossa palavra é inviolável e não a podeis trair sem vos desonrar. Prefери a morte a faltar com a palavra. Voltemos a Teófilo.

O barão nada poupava para distrair o filho de sua paixão dolorosa. Levava-o muitas vezes à casa da viscondessa de Lisbé, cujos salões sempre contavam com a mais fina sociedade. A viscondessa tinha uma filha de dezessete anos, cuja beleza e graça o barão louvava com entusiasmo. Entretanto, a senhorinha de Lisbé não era bonita, mas os enfeites que lhe ornavam os vestuários

anunciavam a preocupação, que possuía, de parecer bonita. Falava muito, ria muito, dançava bem: sabia-se que ela tinha professores para tudo e todos, talvez por isso, a julgavam bela, amável, instruída e talentosa. Teófilo, no entanto, não lhe fazia semelhantes elogios; achava-a afetada, insuportável, mormente quando se lembrava da conversação encantadora e das graças naturais de Olímpia.

No fim do inverno, Teófilo entrou para o regimento do irmão da senhorinha Lisbé e, depois, acompanhou a guarnição o seu coronel. Cinco meses depois voltou a Paris e o pai notou-lhe o mesmo semblante melancólico com que havia partido. Observou, no entanto, com satisfação, que ele não falava mais em Olímpia. Quase um ano passara desde que Teófilo deixara o Limousin. Oito dias não se haviam passado da sua volta, quando uma tarde o barão chamou-o ao seu gabinete e fez-lhe conhecedor das intenções que alimentava de fazê-lo casar com a senhorinha de Lisbé.

Teófilo declarou sem rebuços que possuía horror pelo casamento, e, além disso, uma particular aversão pela senhorinha de Lisbé. O barão detalhou-lhe com ênfase todas as brilhantes vantagens que decorreriam de sua aquiescência. Teófilo ouviu-o friamente e respondeu que não tinha outra ambição senão a de se distinguir. O barão agastou-se muito e declarou que já havia

empenhado a palavra à família da senhorinha de Lisbé. Teófilo, consternado, tanto quanto surpreso, pediu algum tempo para ver se lhe era possível remover a aversão que sentia pela jovem, mas não pôde obter senão oito dias. Recluso no quarto, passou a noite a pensar na sua triste sina. Recordando-se de todos os elogios que o barão fizera à senhorinha de Lisbé, as ligações de íntima estima com a família dessa jovem, ligações que existiam antes do barão ter recebido a carta de Olímpia. E mil suspeitas assaltaram Teófilo, algumas ultrajantes para o pai. Cada nova reflexão, porém, parecia confirmá-las. Não podendo por mais tempo suportar tamanhas dúvidas, tomou a resolução de partir secretamente para o Limousin e explicar-se com Olímpia.



Teófilo ignorava o destino de Olímpia: desde seis meses nem mesmo o nome lhe pronunciara. Tremia pensando encontrá-la talvez casada. Este terrível temor não o pôde, porém, reter. No dia seguinte, escondeu do barão toda a inquietação que lhe ia no íntimo. Confiou o segredo de sua viagem a um amigo, que lhe forneceu um pajem e, às duas horas da madrugada, deixava a casa paterna, montado a cavalo, em demanda do Limousin.

Foi direito a Tulle; ali chegou ao declinar do dia. Desceu num albergue e ali soube, com inexprimível alegria, que Olímpia não se havia casado. Contou-lhe a encarregada do albergue que ninguém duvidava de que Olímpia tivesse amado o irmão de sua amiga, em casa da qual estivera oito meses; que o jovem, não querendo desposá-la, tomara ela a resolução de voltar para o convento. As religiosas, porém, recusaram recebê-la e ela partira para Uzerche, refugiando-se em casa de seu tutor, possuidor de umas terras nas vizinhanças dessa cidade.

VI

Essa sua última resolução perdera-a no conceito da opinião pública porque seu tutor não era casado e tinha em casa uma mulher sem reputação, com a qual Olímpia vivia na maior intimidade.

Apesar de tudo, Teófilo persistiu na resolução de ver Olímpia e partir logo para Uzerche.

Chegado a essa cidade, disfarçou-se o melhor que pôde e tomou o caminho do castelo. Disseram-lhe, à porta, que o dono da casa estava ausente já há seis semanas e que no castelo só estavam a Sra. de Rocher (era a mulher de quem lhe falara a encarregada do albergue) e a senhorinha Olímpia. Eram oito horas da noite. Teófilo atravessou um corredor muito escuro e encontrou uma criada que o levou aos aposen-

tos de Olímpia. Tão emocionado estava, que mal se sustinha de pé. Apesar do desejo que experimentava de rever Olímpia, teve vontade de não encontrá-la nos aposentos logo, porque precisava descansar um momento. Verificou-se tal fato. A criada, a quem não dissera o nome, afastou-se para procurar Olímpia, e Teófilo ficou só.

Não pôde deixar de inspecionar com vivo interesse tudo que o cercava: o cravo de Olímpia, a mesa de escritório, o *toilette*.

[Adição de O Sexo Feminino] E sobretudo, o seu canário fechado em uma gaiola. Reconheceu no mesmo instante aquele passarinho, que Olímpia recebera dele na véspera de seu apartamento.

- Ah! Pobre passarinho, exclamou Teófilo, ela te recebeu de mim e não obstante Olímpia pôde conservar-te.

Dizendo estas palavras, Teófilo, enternecido contra a sua vontade, abriu a gaiola, pegou no passarinho e o pôs em seu seio. O canário, debatendo-se sobre o coração de Teófilo, pronunciou distintamente estas palavras: *Amo Teófilo*.

Estas palavras ressoavam até o íntimo da alma de Teófilo. Perturbado, não ousava querer que tivesse ouvido bem, quando o passarinho repetiu ainda duas vezes a fio: *Amo Teófilo...*

- Ah, disso não posso duvidar agora, exclamou Teófilo. Que! Estas palavras tão gratas, foi Olímpia quem ditou-as! Quantas vezes devia

repeti-las para animá-las a este passarinho! E ela pensava, ai de mim! Que eu não ouviria jamais!... Olímpia! Querida Olímpia! Vós sois inocente!... Sem dúvida credes que sou culpado, e não obstante me amais ainda! Conservais este passarinho e vos dignais ouvi-lo!...

Dizendo estas palavras, Teófilo beijava com transporte o canário e o banhava com suas lágrimas; e o passarinho a quem não tinham ensinado senão uma frase, respondia aos carinhos apaixonados de Teófilo, batendo com as asas, e repetindo sempre: *Amo Teófilo*. [Fim da adição].

De repente Teófilo tremeu: ouvira passos. Pareceu-lhe reconhecer o passo ligeiro de Olímpia. Avançou para a porta, que se abriu, aparecendo Olímpia. Teófilo caiu de joelhos.

[Adição de O Sexo Feminino] Escapasse o canário das mãos de Eduardo, e voa nos braços de sua senhora pronunciando o nome de Eduardo. [Fim da adição]

Olímpia soltou um grito: quis fugir, mas Teófilo a deteve. Pálida e trêmula deixou-se cair numa poltrona e, parecendo desfalecer, não teve forças para proferir uma única palavra. Teófilo, sempre ajoelhado a seus pés, não se exprimia senão pelo pranto convulso. Olímpia, trêmula e confusa, rompeu o silêncio, dizendo:

— Deve saber que devo-vos odiar e desprezar!

— Olímpia, por Deus, ouve-me! Sou livre! Fomos enganados! Deixai justificar-me.

— Podereis justificar-vos de não terdes respondido as minhas cartas?

— Vossas cartas? Não recebi uma sequer e vos dirigi mais de vinte!

Tais palavras acabaram de dissipar todas as dúvidas de Olímpia, que não pôde reprimir as lágrimas.

— Ah! Teófilo — disse ela — ainda sois o mesmo e eu não me lamentarei mais das traições e perfídias que sofri!

Ouvindo isso, Teófilo julgou-se o mais feliz dos mortais. E depois de dar expansão a toda alegria que lhe ia na alma, contou detalhadamente a Olímpia tudo que lhe havia sucedido.

A jovem ouviu-o com surpresa. Depois falou. Disse a Teófilo que, desamparada de guias e de conselhos, não pensou ser prejudicial a sua reputação cedendo às instâncias de uma amiga, que convidava para morar em sua casa; que não tinha dúvida alguma sobre a honestidade dessa amiga.

No castelo de sua amiga, ela nunca saíra dos aposentos que lhe foram reservados, a não ser para receber um parente que, mostrando-se muito interessado por sua sorte, alimentava, no entanto, desejos diversos dos que ela nele podia admitir.

Esse pérfido confidente lhe dissera que Teófilo não mais a amava e que se enamorara da senhorinha de Lisbé.

— Mostrou-me ainda, prosseguiu Olímpia, várias cartas do Sr. barão, vosso pai, as quais acabaram de me convencer de que tínheis renunciado a todos os juramentos feitos. Não hesitei, então, em romper convosco e escrevi a carta que lestes. [Adição de O Sexo Feminino] Oprimida de tristeza, e crendo odiar-vos este inocente passarinho chegou a ser-me odioso. Eu não podia já ouvir sem cólera o que tinha tido tanto prazer em ensinar-lhe. Uma tarde abri a minha janela, e dei-lhe a liberdade. Depois de tê-lo assim sacrificado, a pesar meu, tive saudades dele. Disso eu me envergonho; mas procurando persuadir-me que o amava por ele mesmo levantei-me no meio da noite, abri a minha janela, chamei-o mil vezes; foi debalde, não voltou, passei o resto da noite a chorar por ele, e no dia seguinte ao amanhecer desci ao jardim. Sentei-me, e chorava, quando de repente ouvi uma pequena voz queixosa pronunciar docemente o nome de Teófilo... Imaginem qual foi o meu sobressalto!... Eis aí, Teófilo, o único impulso de alegria que experimentei na vossa ausência!... Eu achei o meu pobre canário sobre uma roseira; tinha padecido; estava trêmulo, espantado, e a roseira coberta de penas que tinha perdido. Peguei ele, tratei-o, e me resolvi a conservá-lo até o instante

em que me contasse o vosso matrimônio. Eu estava bem resolvida a nunca tornar-vos a ver; mas ao mesmo tempo renunciava a outro casamento, qualquer que fosse, e no íntimo d'alma não podia persuadir-me que fôsseis capaz de contrair outro. Não concederei perdão algum, serei inflexível. Tais foram as razões que dei a mim mesma para autorizar-me a conservar o meu querido passarinho [Fim da adição de O Sexo Feminino]. Seis meses permaneci em casa de minha amiga. Durante esse tempo o indigno confidente de quem vos falei propôs-me casamento. Repeli-o. Para se vingar disse-me que havia de manchar minha reputação; que a de minha amiga de há muito era duvidosa e que, ainda, haveria de espalhar que eu amava o irmão daquela em cuja casa morava. Não vi em tais promessas, tão vis, senão calúnias.

VII

— Deliberei, no entanto, observar com mais atenção a conduta de minha amiga e resolvi, então, voltar a Tulle, para o convento que tão imprudentemente abandonara. As religiosas, naturalmente contra mim prevenidas, não me quiseram receber. Humilhada, traída, abandonada, mas inocente, vim para aqui pedir conselhos a meu tutor. Minha intenção não era pedir-lhe asilo em casa, porque a decência não me permitia morar com um senhor que não era casado. Fui, porém, mais feliz do que esperava. Aqui chegando, encontrei meu tutor de partida para uma viagem de dois meses; apresentou-me a uma senhora, parenta, que, tendo sofrido vários revezes, retirara-se para este castelo por alguns meses. A senhora de Rocher (é o seu nome), parece-me

tão boa quanto honesta e virtuosa. Contou-me sua história, que daria tema para um romance interessante e eu conto ficar aqui enquanto ela permanecer aqui.

Olímpia cessou de falar. Teófilo, emocionado, ficou um instante sem responder; em seguida, soltou um longo suspiro e falou:

— Ah! Não devemos atribuir nosso infortúnio senão a essa candura encantadora, a essa inocência que vos caracterizam. Foram essas angélicas virtudes que forneceram pretextos para vos caluniarem: foram elas que vos cegaram! Por exemplo, acreditais estar aqui num asilo honesto e seguro...

— Será possível?

— Creio. Esta mulher que tanto estima é uma criatura desprezível....

— Santo Deus!

— O que me disseram dela em Tulle acaba de ser confirmado nesta vila.

— Ó minha tia! — exclamou Olímpia banhada em pranto — Não experimentei, perdendo-vos, senão a dor que inspira a mais terna afeição e a mais justa gratidão; mas não compreendia, ainda, toda a extensão de minha desgraça... Insensata! Não compreendia até que ponto tinha necessidade de um guia... Como se pode, com intenções tão puras, destruir a própria reputação, perder-se! É impossível, então,

que não se possa amar tão somente a virtude sem a experiência?

— Acalmai-vos ! — interrompeu Teófilo. Pensai que todos os nossos dissabores se acabaram. O juramento mais sagrado, mais santo nos une...

— Mas vosso pai quer rompê-lo: desviou minhas cartas e as vossas, antes mesmo de tentarem denegrir minha reputação...

— Não tendes dúvidas de que ele quis experimentar a grandeza de amizade que existia entre nós; depois, acreditou em informações infieis. Esse erro, justificado por falsas aparências, é a excusa de sua conduta. Quando meu pai, porém, souber a do que me dissesstes, será, podeis crer, o primeiro a vos pedir para reafirmar o compromisso que tanto prezo.

Acredita-se com muita facilidade em tudo que se deseja, quando se tem dezessete anos. Olímpia não hesitou em pensar que o barão, reconhecendo seu erro, resolvesse reparar a injustiça. Tranquilizada sobre o futuro, ocupou-se do presente. Não queria permanecer por mais tempo em casa do tutor. Que asilo, no entanto, haveria de escolher enquanto esperasse que Teófilo fosse se explicar com o pai? Olímpia não conhecia senão dois ou três velhos amigos de sua tia, os quais perdera de vista desde a morte de Eufrásia, e que de certo, prevenidos contra ela, recusariam recebê-la. Não havia conventos em Uzerche.

Resolveu, por fim, partir no dia seguinte para Brives, recolher-se ali, num convento, e esperar notícias de Teófilo, que, por sua vez, voltaria no mesmo dia a Paris.

Teófilo conseguiu de Olímpia a promessa de que o receberia ainda uma vez no dia seguinte e que nenhum dos dois partiria sem que combinassem as medidas que teriam de tomar. De volta ao albergue, Teófilo teve notícias algum tanto desagradáveis. O laçaio informara ter visto quatro ou cinco homens, disfarçados, rondando a casa, os quais fizeram muitas perguntas ao alberguista. Quando o laçaio acabou de falar, Teófilo ouviu o rumor.

— Vem prender-me! — exclamou.

VIII

E assim falando, apanhou duas pistolas carregadas e dirigiu-se para a porta. No mesmo instante viu aparecer o procurador do barão, que ele deixara em Paris.

— Vem procurar-me, Sr. Dumond, da parte de meu pai? — perguntou Teófilo.

— Sim, senhor! — respondeu o Sr. Dumond um pouco desconcertado à vista das pistolas carregadas.

— Pensa levar-me à força? — inquiriu Teófilo.

— Senhor... espero vossa submissão ao barão... Mas, não devo ocultar-vos que... sou portador de uma ordem do rei....

— Uma ordem de meu pai era bastante. Ele quer que vos acompanhe, acompanhar-vos-

hei, mas vos declaro desde já que não partirei sem ver de novo a pessoa por quem me decidi a vir até onde estou...

— Senhor...

— Nada de objeções, que seriam inúteis...

— Tenho ordem para fazer-vos partir logo...

— Um dever sagrado obriga-me a permanecer aqui ainda algumas horas. É necessário que eu a volte ao castelo. São onze horas, as portas do castelo estão fechadas, todos estão dormindo; não desejo promover escândalo: não vou acordar ninguém. Por conseguinte, passarei a noite aqui, na atitude em que me vedes. Ao despontar do dia dirigir-me-ei ao castelo, onde me demorarei três quartos de hora. Depois, estarei pronto a vos acompanhar.

— O Sr. barão não ficará satisfeito... Não quererá, depois, desculpar-me.

— Eu lhe explicarei, assumindo toda a responsabilidade. Podeis, Sr. Dumond, se quizerdes, esperar-me aqui. Não desejo fugir e vos empenho a minha palavra de honra de nem tentar escapar-me.

O Sr. Dumond, vendo Teófilo disposto a não partir senão no dia seguinte e a não abandonar as pistolas, acedeu. Instalou-se num cômodo vizinho e Teófilo passou o resto da noite a passear pelo quarto e a pensar na conversa que entreteria com Olímpia. Logo que o dia

amanheceu, Teófilo chamou o Sr. Dumond e propôs-lhe a acompanhar, caso o desejasse, até à porta do castelo.

O Sr. Dumond fez-lhe ainda algumas ponderações, mas Teófilo mostrou tanta firmeza que o Sr. Dumond foi obrigado a ceder. Acompanhado de dois homens, seguiu de longe Teófilo, que prometeu não ficar mais de uma hora com Olímpia. Chegando ao castelo, Teófilo foi informado de que Olímpia acabava de sair. O castelo estava situado a um quarto de légua da igreja onde foram sepultados os restos mortais de Eufrásia. Olímpia, na véspera, combinara com Teófilo que o receberia às dez horas e que, depois, partiria para Brives. Quizera, no entanto, antes de deixar Uzerche, prestar uma última homenagem à memória da tia.

Apesar dos murmúrios do Sr. Dumond, Teófilo deixou logo o castelo e foi encontrar-se com Olímpia. Entrando na igreja, parou na porta para melhor vê-la, só, no meio do coro e prosternada no túmulo de Eufrásia. A santidade do lugar, à vista daquela igreja onde, sem a morte de Eufrásia, Teófilo teria recebido a mão de Olímpia — muitas recordações assaltaram a imaginação do pobre jovem. Caminhou em direção a Olímpia que, pelo ruído dos passos, levantou a cabeça e deixou mostrar o rosto banhado de lágrimas. Teófilo chegou-se para o túmulo e ajoelhou-se junto de Olímpia. Depois, tomando uma das

mãos de Olímpia e apertando-a contra as suas, falou com voz comovida:

— Ó respeitável Eufrásia, se vivesseis, era aqui que eu teria recebido a mão querida que me prometestes. Era aqui que um juramento sagrado uniria para sempre a minha sorte a de Olímpia! Mas que ao menos esse juramento seja proferido sob vossas vistas! Sim, eu juro, Olímpia, não pertencer senão a vós. Tomo por testemunha o Ser Supremo que nos ouve e que lê tudo que me vai na alma!



— Calai, Teófilo! Podereis estar fazendo um juramento temerário...

— Por ser ele invariável é que o pronuncio com satisfação...

— E se vosso pai o reprovar?

IX

— Os laços que ele próprio formou, poderá quebrá-los? Olímpia, se é verdade que me amais, dai-me disso a prova mais cara. Nesta igreja, onde nossos pais prometeram nos trazer, diante desse altar, onde eu deveria receber vosso juramento, enfim, perante o túmulo querido daquela que vos serviu de mãe e que vos ordenou receber-me como esposo, prometei unir vosso destino ao meu!

— Que estais a exigir! Poderemos dispor de nós mesmos?

E, assim falando, quis retirar a mão trêmula das mãos de Teófilo.

— Olímpia! — disse Teófilo —, formais o projeto de me abandonar? Terei meu desespero...

O tom em que pronunciou tais palavras fez Olímpia estremecer. Pálida, lançou sobre Teófilo um olhar tímido e lânguido e falou com voz baixa:

— Faço meus todos os juramentos que acabais de fazer.

Teófilo uniu as mãos num agradecimento e proferiu em termos repassados da mais viva emoção. Olímpia, de olhos fixos no túmulo, mas em vez de experimentar a mesma alegria de que Teófilo estava possuído, era assaltada pelos mais funestos pressentimentos.

Nessa ocasião, entrando o sacristão na igreja, Teófilo pediu a Olímpia que se deixasse conduzir até à casa do cura, que ficava ao lado da mesma igreja. A jovem acedeu e, lá chegando, foi cientificada por Teófilo da chegada do Sr. Dumond. Tal notícia causou a Olímpia grande consternação.

— Ah! Teófilo — disse ela chorando -, que juramento me fizestes fazer! E em que momento, quando vosso pai, irritado, vos chama para ordenar que me esqueçais!

— Esquecer-vos?! — interrompeu Teófilo. — Só a morte poderá nos separar... Querida Olímpia, esquecei vossos temores tão ultrajantes para meu pai. Quando ele vos conhecer bem, aprovará meus juramentos: ele me ama!

— Mas é ambicioso...

— A ambição não pode empanar a justiça. Estou certo de obter seu consentimento;

não temo senão demoras, retardamentos. Podereis, no entanto, dissipar todas as minhas inquietações...

— Como?

— Acompanhando-me a Paris.

— Que dizeis?

— Esta proposta não pode ofender a decência nem a vossa delicadeza: não partiríamos juntos.

— E qual seria meu asilo em Paris?

— Posso dispor da casa de um de meus amigos...

— Como?! Alojarm-me em casa de um homem sem dúvida de vossa idade! Não, nunca!

Aí Teófilo, para fazer com que Olímpia se decidisse, mentiu: descreveu Derval como um personagem grave, de certa idade e respeitável pela experiência e pelo caráter.

— Além disso, ajuntou Teófilo, nem o veríeis, porque ele não está em casa, onde permaneceríeis se tanto vinte e quatro horas. Durante esse tempo eu procuraria um apartamento num convento. Enfim, não posso concordar em deixar-vos: muito me custou já estar separado de vós. Meu pai nada pode opor a tudo que tenho de lhe dizer. Por Deus, Olímpia, segui vosso esposo!

— Que dizeis? Quereis que vos acompanhe, que eu tenha de me expor ao desprezo de vosso pai, que me repele?!

— Sempre vos esqueceis de que ele está laborando num erro, que ele será cientificado de tudo. Enfim, tudo está em vossas mãos: estamos unidos um ao outro por laços que nenhum poder humano poderá romper... Não nos separaremos mais... Olímpia, os minutos nos são caros... Ouvi-me... É mister que eu parta e irei desesperado se recusardes seguir-me...

— Nem ao menos dais-me tempo para refletir sobre as consequências de uma deliberação tão temerária! — disse Olímpia com voz dolorosa. — Ah! Teófilo, abusais da ascendência que tendes sobre mim!

Olímpia não pôde dizer mais nada; as lágrimas cortaram-lhe a palavra. Teófilo redobrou instância e obteve, enfim, a promessa que solicitava com tanto ardor. Olímpia recebeu logo o endereço da casa onde devia ficar em Paris, com um nome suposto. Prometeu, chorando, seguir no dia seguinte. Teófilo, no auge da alegria, foi ao encontro do Sr. Dumond. Subiu com ele numa carruagem que os esperava e tomou logo o caminho de Paris.

Partiu como o mais feliz dos homens, não imaginando, sequer, que seu pai, depois de o ouvir, reprovasse seus juramentos.

X

Mas, à medida que se aproximava de Paris, as esperanças iam se lhe fugindo, pensava com horror na ambição e na conduta artificiosa do pai. A dúvida, o temor, a inquietação assaltaram-no e ele chegou a Paris num estado de desencorajamento que pouco diferia de desespero. Eram nove horas da noite quando entrou na casa paterna.

A recepção dos criados, apenas, não lhe anunciou muita indignação da parte do pai; não viu senão fisionomias mornas e severas. Uns olhavam-o com maligna curiosidade; outros alçavam as espáduas,⁴⁵ mirando-o; outros ainda paravam gravemente para deixa-lo passar baixando o olhar triste e consternado. Ninguém lhe falava. No alto da escadaria encontrou o velho

criado de quarto do barão, que lhe entregou misteriosamente um bilhete. Teófilo quis entrar nos aposentos do pai.

— Não, senhor, disse o criado brusco, não podeis vê-lo hoje...

— Meu pai recusa, então, ouvir!

— Ele vos escreve...

— Ah! Estou perdido! exclamou Teófilo. Assim falando, dirigiu-se para seu quarto onde abriu, tremendo, o bilhete do barão; nele havia as seguintes palavras:

“Um ingrato, um rebelde, não é mais meu filho; não sois agora senão meu prisioneiro. Não vos verei sem que me tenhais formalmente prometido por escrito uma obediência sem limites.”

Teófilo, depois de ter lido a terrível condenação que o abateu como um raio, ficou um instante imóvel e depois, encorajando-se, disse:

— Pois bem, ficarei prisioneiro.

No mesmo instante, porém, uma reflexão dolorosa aniquilou toda a coragem de Teófilo. Olímpia devia chegar naqueles dois dias: que imaginaria se não visse Teófilo? Entretanto, como o jovem havia pensado que poderia se escapar logo para ir prevenir Derval (o amigo em casa de quem Olímpia devia se alojar) o laçao que esse amigo cedera a Teófilo era portador de uma carta que continha os detalhes de tudo que ficara resolvido. Acentuando o nome de Olímpia,

Teófilo explicava a Derval que uma jovem, com o nome de Madame de Forlis chegaria por aqueles dois dias e que ele tratasse de a alojar em casa por vinte e quatro horas, apenas. O criado, de posse da carta, separara-se de Teófilo prometendo levar a carta na mesma ocasião. Certo de que Olímpia seria hospedada se por acaso chegasse no dia seguinte, Teófilo resolveu passar dois dias sem responder ao pai, esperando que essa aparência de firmeza pudesse levar o barão a ser menos rigoroso e a vê-lo sem impor condições.

Teófilo passou esses dois dias fechado no quarto, na ilusão de que o pai viesse procurá-lo. Cada vez que um criado entrava, cada vez que abria a porta, levantava-se tremendo; acreditava ouvir a voz do pai ou que lhe davam ordem para descer até os aposentos paternos. No correr do segundo dia, sua agitação tornou-se ainda mais violenta. A ideia de que Olímpia chegaria naquela tarde o afligia. Estava nesta situação quando um novo incidente veio lhe destruir todas as resoluções. O criado que o servia melindrado⁴⁶ por ter Teófilo feito pessoa de confiança um servo emprestado, mostrava-se insolente e mal humorado. E desvendou-lhe que o barão mandara prender em Bicêtre⁴⁷ o mesmo criado, que seguira Teófilo em sua excursão.

— E desde quando está ele preso? — perguntou Teófilo tremendo.

— Desde o dia de vossa chegada. Havia ordens anteriores e o pobre criado quando vos deixou, levando uma carta, foi logo preso.

Essa notícia acabrunhou Teófilo. Se Olímpia tivesse chegado, não estando Derval prevenido, não a teria hospedado. Que haveria ela de pensar? Se o barão, mandando prender o criado, tivesse lido a carta que este levava? Teófilo, no auge do desespero, tomou o único partido que lhe poderia assegurar a liberdade e os meios de oferecer um asilo a Olímpia tirando-a de um grande embaraço. Escreveu ao pai. A mão trêmula traçou poucas palavras:

“Meu pai, prometo-vos uma obediência sem limites se vos dignardes de me ouvir!”

Um instante depois de haver mandado este bilhete, Teófilo ouviu bater à porta: era o criado grave de seu pai que o vinha procurar.

XI

Pálido, trêmulo, Teófilo desceu na mesma ocasião dos aposentos do barão, que veio ao seu encontro, abraçando-o e tomando-o pela mão para fazê-lo sentar-se.

Houve um instante de silêncio determinado por um embaraço mútuo. O barão, entretanto, aparentando um ar calmo e satisfeito, falou:

— Meu filho, esqueçamos o passado; prometes uma obediência sem limites: conto com ela e os restituo toda minha confiança e meu afeto. Tenho certeza de que a pessoa que vistes no Limousin nada esqueceu para vos seduzir e vos incompatibilizar comigo: ter-vos-ia dito que suas cartas, bem como as vossas, foram subtraídas. Não tenho em mente exagerar em tudo que vos digo sobre uma pessoa, cuja conduta, a tornou

indigna de vós. Estou bem certo de que ela soube vos persuadir de que está inocente, mas não pôde conseguir desdizer que perdeu a reputação. Seu último retiro, a intimidade com a mais vil das mulheres, acabaram de a aviltar. Assim, quer sua conduta seja efeito da imprudência, quer do vício, ela está desacreditada e isso basta. Seu casamento seria um opróbrio para vós. Entretanto, tomei um compromisso com sua tia de que ela seria vossa herdeira. Eufrásia está morta e só essa circunstância anula a palavra que empenhei.



A esse discurso, ditado pela ambição, pela cupidez⁴⁸ e a má fé, Teófilo poderia responder que o barão exagerava os defeitos de Olímpia; que sua reputação era atacada mas não perdia de todo; que sua idade e a infeliz independência em que se vira eram uma indulgência para todas as irreflexões; que era, sobretudo, injusto condená-la sem ouvi-la; que ele seria iníquo abandonando-a e extraviar suas primeiras cartas antes que pudesse julgá-la culpada; que o fato de ser Olímpia pobre não podia ser alegado pelo barão para quebra de uma promessa feita de modo tão solene.

Essas e outras considerações poderia ter Teófilo feito ao barão. Não as fez. Sabia que o partido tomado pelo barão era irrevogável. Além disso, estava impaciente para obter liberdade, sair, ir à casa de Derval. Disfarçando inquietações e surpresas com um ar de humildade, Teófilo, com voz baixa, reafirmou obediência ao pai. Este o abraçou de novo. Os mais pesados remorsos sentiu Teófilo nessa ocasião; era horrível para enganar um pai, ainda que este seja injusto, artificioso, violento.

— Meu filho, disse o barão, conheceis meus compromissos com a família da senhorita Lisbé: é mister cumprí-los sem demora

Essas palavras fizeram o jovem estremecer. O barão prosseguiu:

— A senhora de Lisbé está em Versalhes e voltará depois de amanhã; na mesma tarde sereis apresentado à filha na qualidade de esposo; no dia seguinte assinar-se-ão os papéis.

— Meu pai, respondeu o infeliz Teófilo, repito que estou disposto a vos obedecer.

Essa nova promessa valeu a Teófilo elogios. Enfim, percebendo, depois da palestra, que a carta escrita a Derval não chegara às mãos do barão, falou:

— Posso sair hoje? Tenho grande necessidade de distração; vou ver meus amigos.

— Estais livre! — respondeu o barão. Não vos escondo que, até o dia de vosso casamento, sereis vigiado. Podeis sair: exijo unicamente que seja de carro e que os criados vos acompanhem.

Teófilo aproveitou logo esse consentimento esperado com tanta impaciência. Enquanto preparavam a carruagem de Teófilo, vejamos o que se passava em casa de seu amigo Derval. Tinha ele ido à caça naquele dia; voltara às três horas e dera um almoço a sete ou oito pessoas amigas.

Essa companhia, tão ruidosa como insensata, devia passar a noite em casa de Derval. No fim do repasto, no momento em que a champanha começava a esquentar as cabeças um criado veio dizer a Derval que uma senhora, num carro, pedia permissão para entrar.

— Como se chama? — perguntou Derval.

— Deu-me o nome de senhora de Forlis.

— Oh! — interrompeu Pulquéria — era o nome suposto de Olímpia!

— Justamente, respondeu a senhora de Clemire, era a própria Olímpia que, julgando Derval prevenido, esperava ser recebida e hospedada por vinte e quatro horas, enquanto o grave e respeitável Derval (fora assim que o havia descrito Teófilo) estivesse ausente.

— Senhora de Forlis! — disse Derval, rindo — é um nome de comédia.

XII

— Mas que aparências tem essa senhora?

— É jovem e bela!

— Que venha, que entre! — gritou toda a companhia.

— Vou chamá-la! respondeu o lacaio, e parece que já a vi, três anos são passados, dançando uns bailados em casa de Audinot.

E assim falando o lacaio saiu.

Olímpia, que com sua criada grave⁴⁹ esperava à porta, na carruagem, viu os batentes do portão se abrirem. A carruagem entrou. Um lacaio veio recebê-la. Guiando-a, fê-la passar por uma escada estreita. Olímpia, trêmula, perturbada e fatigada pela viagem, apoiava-se no braço da criada, alta e gorda mulher do Limousin, filha de um operário, e que tinha conservado o

tom, a língua e as maneiras de uma boa e jovem camponesa. Tinha numa das mãos o embrulho de trajes de noite de sua patroa e com o outro braço amparava Olímpia. Depois de atravessar um longo corredor, o laçao abriu uma porta e retirou-se. Olímpia e a criada transpuseram essa porta fatal, que se cerrou sobre elas.

Adivinhai, porém, se é possível, a surpresa e o espanto de Olímpia encontrando-se de repente num grupo de jovens semi-embriagados, dos quais o mais velho teria uns vinte e cinco anos. Ela soltou um grito agudo e quis fugir. Deram-na, cercaram-na.



— Deus! — exclamou Olímpia — onde estou? Senhores, meu endereço está errado; acreditava entrar na casa de um senhor respeitável, do Senhor Derval...

— Esse termo — homem respeitável — excitou explosões de gargalhadas.

Derval adiantou-se:

— Não vos enganaram, senhora — disse, afetando um ar grave — porque o senhor Derval sou eu.

Ouvindo isso, Olímpia ficou petrificada e esteve prestes a desfalecer; apoiou-se nas costas de uma cadeira.

— Mas é verdadeiramente encantadora! — continuou Derval.

— É maravilhosa! — disse um outro rapaz que ficara só na mesa e que ainda bebia.

— Realmente, ajuntou um terceiro, essa “selvageria”, natural ou não, vai-lhe muito bem.

— Ó Catharina! — gritou Olímpia com voz nervosa, Catharina, tirai-me daqui!

— Vinde, senhorinha, disse a criada, dai-me o braço, deixemos aí esses tolos.

As risadas e moquejos⁵⁰ recomeçaram.

Não deixaram, no entanto, de observar que a criada chamava a senhora de Forlis de senhorinha. Olímpia, confusa, atordoada, fez um movimento para se escapar, Derval a deteve pela roupa.

— Vamos, disse ele, para que tanto medo e embaraço. Ficai de boa vontade!

Quando concluiu essa frase, Olímpia, acabrunhada de vergonha e de desespero, sentiu que as pernas, trêmulas, não a podiam mais sustentar,⁵¹ e caiu numa cadeira. Neste momento um criado apareceu e dirigindo-se, risonho, para Derval, disse:

— Está lá em baixo um criadinho da senhora de Forlis que carrega uma mala e pergunta em que quarto a *senhora* deve se alojar porque sua intenção é hospedar-se aqui.

Ante tais palavras o grupo de jovens rompeu em novas gargalhadas.

— Há em tudo isso, disse Derval, um fundo de originalidade e graça que me encantam. E depois essa maneira de fazer conhecimentos abrevia os cumprimentos e o cerimonial.

Nessa ocasião um dos jovens descobriu que a criada trazia um embrulho com roupas de noite de sua patroa, o que deu lugar a novas gargalhadas e ditos insultuosos. Derval, por fim, sentando-se perto de Olímpia, tomou-lhe uma das mãos e beijou. Então a jovem criou coragem. A indignação e a cólera sobrepuseram-se à vergonha: levantou-se e, arrancando a mão das de Derval, correu para o outro lado da sala. Aí, vendo uma porta, abriu-a, saiu e achou-se numa galeria. Derval, porém, a seguiu. Olímpia pôs-se a correr com tanta velocidade que Derval não a pôde alcançar. No fim da galeria, percebeu uma porta entreaberta e por ela entrou; fechou a porta com trincos, caiu num canapé e deu livre curso ao pranto.

XIII

Derval bateu em vão dizendo mil tolices; ameaçou até de mandar arrombar a porta. Olímpia tremeu e abriu a janela, mas esta, de um segundo andar, dava para um jardim; Olímpia, no auge do desespero, estava disposta a atirar-se no jardim se Derval forçasse a porta.

Já se dispunha a subir ao balcão, quando, não ouvindo mais a voz de Derval, deteve-se e se contentou em ficar sentada na janela. Um instante depois, certa de que Derval não estava mais na galeria, imaginou que ele fora em busca de pessoas para arrombar a porta.

— Ah! — exclamou ela, onde minha imprudência e minha credulidade me conduziram! Indignamente enganada, traída, abandonada, poderia amar ainda o pérfido, que,

prometendo-me um asilo honroso e seguro, me fez vir a esta casa horrível?

Olímpia, pronunciando essas palavras, tremia. Ouviu passos na galeria e alguém pronunciar seu nome. Reconhecia, com alegria inexprimível, a voz de sua criada de quarto que lhe pedia para abrir a porta, sem temor algum.

Olímpia hesitou um pouco. Então Catharina lhe disse que Derval e seus amigos acabavam de sair de casa. Olímpia correu à porta e abriu-a: imediatamente um homem entrou e caiu de joelhos aos pés de Olímpia. Era Teófilo. Olímpia recuou com indignação e caiu desfalecida nos braços da criada. Voltando a si, viu Teófilo, banhado em lágrimas, ajoelhado a seus pés.

Dirigindo-se à Catharina, Olímpia falou:
— Ajudai-me. Saíamos desta casa odiosa.

A criada respondeu que Derval não estava mais ali e que só regressaria quando Olímpia tivesse partido.

— Recusais ouvir-me? — perguntou Teófilo com voz sumida e trêmula.

Olímpia desabafou, fazendo cruéis observações a Teófilo. Este, acabrunhado, ouviu sem interrompê-la. Quando Olímpia silenciou, tomou ele a palavra e disse que se a iludira sobre a idade de Derval, ao menos era este o único homem com cuja descrição podia contar, que tinha grandes defeitos, mas era amigo fiel e

certo. Depois pediu que Olímpia o escutasse sem testemunhas no relato de tudo que lhe ocorrera depois de sua volta a Paris.

Após alguma resistência, Olímpia acedeu em mandar Catharina retirar para uma sala vizinha. Teófilo então, cômico⁵² de que dissiparia a cólera de Olímpia, pois que ela consentira em ouvi-lo, começou a triste narração das perseguições de que fora vítima. Não escondeu nem a promessa formal de casamento que tinha feito, ao pai, com a senhorinha de Lisbé. Olímpia, ouvindo essa confissão, empalideceu e ficou com os olhos rasos d'água.

— Juro, prosseguiu Teófilo, que mesmo perdendo a vida, jamais me arrancariam consentimento semelhante, que não saiu do coração. Era, porém, preciso enganar por um momento um pai que abusava de seus direitos; do contrário perderia a liberdade e a possibilidade de vir em vosso socorro. Ah! Estava longe de imaginar a que ultrajes indignos o meu cativo nos impunha. Não poderia, sem sucumbir no mais horrível desespero, representar semelhante papel.

XIV

— Via-vos chegar, porém, numa cidade desconhecida e pedir asilo numa casa onde certamente recusariam receber-vos; estava, assim, sob uma injusta violência que me constrangia...

— Não, não — interrompeu Olímpia banhada em prantos, deveis cumprir os juramentos que fizestes a vosso pai.

— Cumprirei os que fiz de boa vontade. Meu pai recebeu, de fato, de mim, um juramento sagrado: o de cumprir o que me ordenou: unir-me a vós. Prometi-lhe-o e serei fiel a esse juramento, o único que deve ser inviolável.

— E com que esperança contaís?

— Com a satisfação integral do juramento que de vós recebi!

— E posso satisfazer tal juramento, quando estais na dependência de um pai inflexível, ao qual prometestes obedecer... e em três dias?

— Esse tempo é suficiente para nos libertarmos, para sempre, de uma insuportável tirania.

— Não sei qual sejam vossos desígnios!

— Sacrificar por vós minha sorte, meu estado, minha pátria....

— Que dizeis?

— Fugir, enfim.

— Ousais propor-me semelhante coisa?

— Se é verdade que me amais não deveis hesitar. Nosso juramento diz que vós me pertenceis. E assim só será em terra estranha. Seguir-me-eis à Inglaterra...

— Justo céu! Em que abismo quereis lançar-me! Então poderei tirar um filho ao pai? Consentirei formar laços ilegítimos que a lei poderia desfazer? Fugirei convosco, sacrificando a vós a minha reputação, a decência, a minha honra? Ah! É preferível morrer!

— Pois bem, exclamou Teófilo, recebei, então, um eterno adeus! Olímpia, não viverei sem vós. Renunciando-me, rompeis todos os laços que me prendem à vida.

A tais palavras, Olímpia, cheia de terror, reteve Teófilo, que, desesperado, fazia esforços para sair.

— Ouvi-me! Tende piedade do estado em que me encontro! Quereis que o temor me arraste a um funesto consentimento que poderia perder tanto a mim como a vós?

— Mas pensai na minha situação e vede que se estiver aqui dentro de três dias serei obrigado a renunciar aquela a quem amo e desposar uma pessoa que detesto! E que será, então, de vós, Olímpia? Privada do único amigo que tendes no mundo, exposta a perseguições, acutelada⁵³ pelo ódio, pela vingança... Ah! Fugamos, acabemos com tanto horror... Previ tudo; meu plano está formado. Abandonando a pátria, só teremos de temer a indigência! Não percamos mais tempo: é necessário agir e sem demora!

XV

Diante de tais palavras, Olímpia, levantando as mãos para o céu, exclamou:

— Meu Deus, inspirai-me! Em vão desejo um conselho salutar, em vão sinto e conheço minha fraqueza e minha imprudência! Isolada, entregue a mim mesma, vejo um precipício abrir-se a meus pés! Só uma caridosa mão poderia salvar-me de cair no abismo! Mas não tenho um guia, um protetor! Minha perda é inevitável!

Olímpia, sufocada em lágrimas, não pôde prosseguir em lamentos. Teófilo ajoelhou-se ainda a seus pés e pediu-lhe uma resolução, jurando renunciar a vida se esta não lhe fosse favorável. Olímpia, aterrorizada diante de tal ameaça, proferiu, com desespero, a promessa fatal que lhe definia o destino.

— Mas, disse a baronesa interrompendo a narrativa, o serão desta noite está muito mais longo que do costume. Amanhã contar-vos-ei a continuação das aventuras de Teófilo e da desventurada Olímpia.

O senhor de la Paliniere veio no dia seguinte a Champéry.⁵⁴ Como devia passar ali alguns dias, as crianças contaram-lhe a história de Teófilo. Teve ele grande desejo de conhecer o desfecho da história. Por ele, nunca os serões sofreriam interrupção. De noite, a baronesa retomou a narrativa interrompida na véspera.



Vigésimo sexto serão

Teófilo, depois de ter conseguido o consentimento de Olímpia, deixou-a logo, entregue à mais profunda dor e ao mais amargo arrependimento.

Teófilo voltou para a casa do pai. Teve bastante império sobre si para aparentar uma fisionomia tranquila. Uma conversa que teve à tarde com o barão acabou de convencer a este último que o filho tinha se inclinado devotadamente às circunstâncias de ambição e vaidade, abandonando as do amor.

No dia seguinte, Teófilo se mostrou preocupado com coisas frívolas. Seu pai soube, com inexplicável prazer, que ele havia passado uma parte da manhã a ver roupas de passeio e que saía apenas para ver em casa de um sirigueiro⁵⁵ armamentos novos para seus cavalos.

Teófilo, sabendo até que ponto era observado, teve a coragem de não ir à casa de Derval à tarde e de se deitar sem ver Olímpia. Esse procedimento dissipou totalmente as inquietações do barão, que se entregou à alegria que tal fato lhe causava. Teófilo, que no dia da chegada de Olímpia tivera um instante de conversação com a mesma, tornou a vê-la, secretamente, em casa do sirgheiro e fizera-lhe uma confidência na qual não ocultara o verdadeiro nome da senhora de Forlis.

XVI

Acrescentou ainda que Olímpia tomara a resolução de entrar para um convento, a doze léguas de Paris, e do qual era abadessa uma de suas tias, e que ela partiria na noite da véspera em que ele devia receber como esposa a senhorinha de Lisbé.

Chegou, afinal, o dia da entrevista. O barão levou o filho à casa da senhora de Lisbé. Teófilo compôs a fisionomia e *toilette* de modo a agradar ao pai. Combinaram que os papéis seriam assinados no dia seguinte. Saindo de casa da viscondessa, Teófilo disse ao pai que experimentava uma agitação que não lhe permitia dormir e que, para se distrair, iria passar parte da noite no baile da Ópera. O barão

percebeu naturalidade e franqueza nesse desejo e, ele próprio, exortou o filho a que fosse.

Teófilo disse ainda que ceitaria em casa de Derval. Com efeito, às oito horas da noite, mandou aprontar cavalos e encerrou-se no quarto. Aí, sentando-se numa poltrona e sob o peso de tristezas e remorsos que lhe confrangiam⁵⁶ o coração, não pôde conter as lágrimas. Em vão tentou afastar da imaginação uma multidão de reflexões, em vão procurou disfarçar o arrependimento que o dominava: é que os olhos se lhe abriam, a ilusão começava a se dissipar mas era já tarde. O infortunado Teófilo não conheceu deveres senão para mergulhar com fundo amargor no abismo horrível cavado por suas próprias paixões. Nove horas soaram. O jovem tremeu e balbuciou:

— Esta hora será a última que ouvirei bater na casa paterna. Esta casa, tão calma agora, em que agitação estará amanhã!

Os soluços embargaram-lhe a voz. Reanimou-se, porém, enxugou os olhos, armou-se de resolução e, não podendo partir sem abraçar o pai, saiu bruscamente do quarto e dirigiu-se aos aposentos do barão. Este percebeu que o filho havia chorado, mas não se mostrou surpreso.

— Meu filho, não vos falei ainda da gratidão que devo pela vossa submissão. Vossa piedade filial assegura a felicidade de meus dias e de toda a vossa existência. O céu sabe os

votos que formulo por vossa ventura e é ele que abençoará o filho que é submisso e dócil.

Essas palavras cortaram o coração de Teófilo que, desvairado de sofrimento, caiu aos joelhos do barão. O pai abraçou-o, abençoou...

— Ide, meu filho, sei que sois sincero. Estou sem inquietação a vosso respeito.

E, assim falando, o barão levantou Teófilo e abraçando-o com ternura, disse:

— Tendes-vos esquecido de me dizer que possuis algumas dívidas. Mandeí dar-vos vinte mil francos; quero ainda oferecer-vos uma quantia destinada a vossos prazeres. Tenho nesta gaveta quinhentos luíses.⁵⁷ Tomai-os e levai-os para o vosso quarto, são vossos, é um pequeno prêmio, meu filho, da grande satisfação que me causa vossa conduta.

— Ah! — disse Teófilo, não posso, a esse título, aceitar dinheiro... Não, não meu pai... O que possuo me basta...

O barão, espantado com uma delicadeza cujo motivo não conhecia, fez inúteis esforços para convencer Teófilo de receber aquela soma. O jovem, por fim, atirou-se chorando aos braços do pai. O que sentiu, ao deixar o progenitor, ao atravessar as salas e corredores e ao subir na carruagem é impossível descrever.

Quando saiu de casa, pensando que não mais regressaria, sentiu o coração partir-se. Recursos tardios, tanto mais amargos quanto

supérfluos. O desventurado Teófilo chegou à casa de Derval em estado de causar piedade.

Tornando a ver Olímpia, entretanto, esqueceu, por alguns instantes, sua dor e remorsos. Viam-se-lhe na fisionomia sinais cruéis do sofrimento dos três últimos dias. Olímpia, abatida, consternada, tinha um semblante também de sofrimento e nem mais forças e coragem possuía para se lamentar e tampouco para refletir.

Derval não ceitaria em casa naquela noite. Teófilo trouxera consigo todas as jóias e diamantes que o pai lhe dera na véspera. Vendeu tudo a um judeu.



Como não tinha dívidas, ficara com os vinte mil francos que o pai lhe dera para pagamento de dívidas imaginárias. Esse dinheiro, junto ao que recebeu do judeu, formou a quantia de quarenta mil libras, que Teófilo pensava em aumentar comerciando num país desconhecido, onde se ia estabelecer. O judeu que partia no mesmo dia para a Inglaterra, solicitou seus passaportes juntamente com os de Teófilo e Olímpia, que tomaram os nomes de Sr.e Sra. Andrazzi. Deu-os a Teófilo juntamente com o dinheiro das jóias e diamantes e partiu logo, duas horas antes de Teófilo.

— Minha boa mamãe — interrompeu Oscar — não concordo com a conduta de Teófilo, mentindo ao pai: declarar que possuía dívidas só para receber dinheiro. Foi vil.

— Tal ação foi, sem dúvida, censurável. Teófilo, no entanto, possuía uma alma nobre e delicada, e isso mesmo podeis julgar pela recusa dos quinhentos luíses que o pai lhe quisera dar.

— Oh! Sim, o pai não os dava senão a título de recompensa; Teófilo não quis aceitá-los e essa conduta me agrada.

— Não o admirais?

— Não, acho-o, apenas, simples.

— Tendes razão. Teófilo possuía vinte mil francos e jóias e, Olímpia, por conseguinte, ao abrigo da miséria. Foi odioso, no momento em que abandonava para sempre o pai, aceitar um

benefício que aquele lhe oferecia como prova de satisfação pela obediência demonstrada. Nessa ação houve perfídia vil.

À meia noite Teófilo deixou Olímpia e dirigiu-se para o baile da Ópera.

Aí disfarçou-se e saiu mascarado, tomando um fiacre⁵⁸ e partindo em direção à casa de Derval.

XVII

Encontrou aí uma viatura que Olímpia, segundo o combinado, mandara procurar. Levou a infeliz Olímpia para a carruagem e partiu logo. Teófilo não fora seguido. Tomara várias precauções que lhe asseguravam não hesitar o barão, quando soubesse da fuga, julgá-lo refugiado na Espanha. De fato, conseguiu tal *desideratum*.⁵⁹ Chegou a Londres sem acidentes. Seu primeiro cuidado foi procurar um padre católico. À noite, em presença de dois criados, recebeu com alegria, a mão da infeliz Olímpia que, banhada em prantos durante toda a cerimônia, mais parecia uma vítima da obediência do que uma jovem que se une ao ente amado.

Alguns dias depois do casamento, Teófilo, não se achando em segurança numa cidade

cheia de franceses, deixou Londres e partiu, com Olímpia, para Edimburgo. Deixemos porém, Olímpia e Teófilo no fundo da Escócia e saibamos que passaram os mais belos anos de vida na obscuridade, no infortúnio. Voltemos para junto do infortunado pai de Teófilo. Esteve ele muito tempo sem saber da fuga do filho. Teófilo partira na hora em que o barão se fora deitar. No dia seguinte, ao levantar-se, soubera que Teófilo não havia regressado. Não se inquietou, imaginando que Derval, na saída do baile, o havia levado para qualquer divertimento ou passeio. Às dez horas, porém, mandou um portador à casa de Derval e aí fora informado que este, deixando o baile da Ópera, partira com muitos amigos para a casa de campo, onde certamente almoçaria.

Às três horas, começou o barão a se preocupar tanto mais que Teófilo nunca procedera de semelhante maneira. O barão, surpreso e ao mesmo tempo preocupado, montou a cavalo e foi em pessoa à casa de campo de Derval.

Soube que Teófilo lá não estivera, mas nenhum esclarecimento pôde obter de Derval que, temendo por uma indiscrição ser prejudicial ao amigo, respondeu com precauções às perguntas do barão, a quem afirmou ter Teófilo passado toda a noite no baile da Ópera.

Esta circunstância animou um pouco o barão que voltou para casa e entrou logo no quarto do filho.

Abrindo armários e gavetas e não encontrando jóias nem brilhantes, não pode mais duvidar da desgraça que acabava de cair sobre si.

Todas as informações que obteve persuadiram-lhe que o filho partira para a Espanha. Teófilo, com muita arte, deixara uma multidão de indícios que deviam naturalmente provar essa persuasão.

O barão não hesitou, assim, a partir para a Espanha e acompanhar os passos do filho.

A fadiga e a tristeza, no entanto, forçaram-no a parar no caminho.

Caiu gravemente enfermo.

A convalescença foi longa e afirmaram-lhe que somente as águas de Baréges⁶⁰ o poderiam curar.

Em Baréges passou três meses.

XVIII

As reflexões dolorosas que teve de fazer naquela solidão agravaram seus males. Amargo arrependimento o assaltava. Perdia um filho único e querido por sua própria culpa. Tornava-se a vítima da violência que exercera contra o filho. E foi então que conheceu quanto é perigoso abusar de direitos e quanto é absurdo sacrificar à ambição; a justiça, a honra e a natureza. Uma fortuna imensa lhe restava, mas, poderia gozá-la? Não tinha mais filho! Recordava-se dos encantos, da doçura, das virtudes de Olímpia e pensava que ela talvez fizesse a felicidade do filho e a sua; não podia condenar em Teófilo uma paixão que ele próprio fizera brotar. O que mais o desesperava era a certeza de que Teófilo nunca o abandonaria se ele o não tivesse contrariado em suas

inclinações para se unir pelo casamento a outra mulher. De fato, se o barão apenas contrariasse Teófilo no casamento com Olímpia, talvez este não o tivesse abandonado. O barão pensava em tudo isso. Nunca formulara ele o bárbaro projeto de encarcerar o filho: quisera apenas intimidá-lo com a terrível ameaça. Compreendeu, muito tarde, porém, que o temor gera a dissimulação e não a obediência. O infeliz barão passou quatro meses em Baréges e depois voltou a Paris na esperança de encontrar o filho. Quase um ano passou depois do seu desaparecimento e nem um indício foi encontrado para com ele se avistar. Mandou à Inglaterra, à Holanda e à Suíça um homem de sua confiança; tudo em vão. O barão caiu então em profunda melancolia.

Várias pessoas aconselhavam que ele se casasse. A senhora de Lisbé, que se tornara sua amiga íntima, dizia-lhe sempre que só uma mulher amável lhe poderia fazer esquecer um filho ingrato. O barão rejeitou a princípio esse conselho; mas era moço, tinha uns quarenta e cinco anos e, isolado, ambicioso e infortunado, deixou-se seduzir facilmente. O oferecimento de uma união, o desejo de ter filhos levaram-no por fim a desposar a senhorinha de Lisbé, aquela mesma moça que devia casar com Teófilo.

O barão sonhou que ela em breve lhe faria esquecer as desgraças das quais fora a causa inocente; essa ilusão, porém, durou pouco.

O infeliz barão não viveu muito tempo sem conhecer a mulher com quem casara. Era coquete⁶¹ e amiga da independência. Ignorante, sua conversação era tão frívola como insípida. Tinha todos os vícios de uma mulher sem espírito e inteligência e que não pôde dissimular que não é bela.

Era invejosa, intrigante, desprovida de princípios e de sensibilidade. Não podia fazer a felicidade de um marido nem aproveitar conselhos de uma mãe. Logo que se casou não parou mais em casa. Fazia visitas, não para cumprir deveres de cortesia, mas para estar três ou quatro horas fora de casa. Aos espetáculos ia pela mesma razão. Não gostava de teatro nem de música, mas como um espetáculo durava três horas, ia ao teatro para gastar tempo, apenas.



Nunca applicou um pequeno espaço de tempo numa coisa útil.

O barão, no auge do desespero, lembrava-se de que Teófilo não teria fugido se não tivesse sido obrigado a desposar aquella mulher que fazia o tormento de um pai, depois de ter causado a perda de um filho.

— Ó Teófilo — exclamava o barão — não fui para vós senão um tirano! Quis sacrificar-vos à minha vaidade! Sou hoje punido. Perdi meu filho e soffro todas as penas que ele teria de experimentar se me tivesse obedecido!

O tempo passou e tais desatinos cometeu a esposa do barão, que este a fez recolher a um convento onde a infeliz morreu antes de um ano. Assim o barão viu romper-se ao cabo de cinco anos uma união funesta e justamente detestada. Como não tivera filhos deste segundo matrimonio, encontrou-se mais isolado do que nunca.

XIX

Acabrunhado de tristeza e de desgosto, perseguido pela amarga saudade do filho querido que tinha perdido, resolveu viajar e procurar em países longínquos, distrações que o pudessem consolar e afastá-lo, ao menos por algum tempo, de amargas reflexões.

Partiu para a Dinamarca. Viu Copenhague, Roschild, Fredericksburg, a ilha de Fiónia e muitos outros lugares. Depois embarcou em um navio mercante.

Um temporal violento atirou-o às costas da Noruega, a embarcação encalhou no meio de uma multidão de ilhas pequeninas; foi socorrida por pilotos da costa e levada para um golfo cercado de montanhas enormes que a puseram ao abrigo dos ventos e das tempestades. O barão dirigiu-se

para uma casa que fazia parte de uma vila cuja singularidade prendeu-lhe desde logo a atenção.



Esta vila era composta de umas trinta casas, todas edificadas em cumes de rochedos que avançavam para o mar, e a última delas elevava-se até às nuvens, sobre montanhas cobertas de vegetação. Cada habitação era isolada e separada da habitação vizinha por um precipício ou por mar. As casas não eram distantes umas das outras, mas não tinham comunicação por terra,

a menos que os habitantes, fazendo uma volta excessivamente longa, galgassem⁶² rochedos e montanhas quase inacessíveis. No verão, todas as relações se estabeleciam por meio de barcos que serviam para a pesca e que eram as viaturas usadas para se visitar um vizinho com o qual se poderia falar de uma casa, mas que não se conseguiria ver, senão tomando um bote. Também naquela vila os meninos e meninas facilmente conduziam um bote de uma para outra casa, remando com habilidade. No inverno, o gelo apresentava uma comunicação mais pronta e mais fácil. Os moradores não se alimentavam senão de peixe, pão de cevada e uma espécie de bolos feitos com mel, raízes secas e farinha. Os homens, excelentes navegadores, não se casavam antes de ter viajado. O dinheiro que ganhavam durante a ausência, nas pescarias, era para embelezar as casas, sempre caprichosamente pintadas por fora e mobiliadas como as mais belas casas da Holanda. Todos os habitantes trajavam uniformemente. Os homens tinham roupas azuis e as mulheres casacos brancos com galões de seda ou de lã azuis.

XX

O povo todo, enfim, era tão interessante pela virtude e pureza de costumes como pela singularidade do local que habitava. A casa em que o barão foi recebido pertencia a um homem que falava bem o alemão. O barão conhecia essa língua, de modo que não teve necessidade de intérprete. Era um velho de setenta e dois anos. Conduziu ele, o barão, para um pequeno aposento cuja janela dava para o mar. O barão fez então muitas perguntas ao velho, entre as quais, a se tinha família numerosa.

— Sim, graças a Deus, respondeu o velho, tenho seis filhas, todas casadas nesta aldeia, e em minha casa um filho, sua mulher e sete netinhos.

— Nenhum de vossos netos é casado?

— O mais velho é pai de uma menina de quatro anos. E ainda tenho a felicidade de possuir minha mãe.

— Vossa mãe! Que idade tem ela?

— Noventa e cinco anos, e ainda é forte.

— Mora convosco?

— Certamente.

— Não duvido que sejais a felicidade da venerável senhora, mas tendes sido feliz com vossos filhos?

— Um bom pai poderia deixar de o ser? Meus filhos só me têm dado alegrias: eduquei como melhor pude, casei segundo a inclinação que tiveram e, como é natural, todos eles me adoram.

— Nunca algum deles vos desobedeceu?

— Nunca exigi deles senão o que estivesse de acordo com a razão e com o dever, e os encontrei sempre dóceis. Se tivesse sido tirânico, perderia, sem dúvida, uma parte de minha autoridade. Meu filho mais velho, Imarkin, poder-me-ia causar muitas penas, se eu fosse ambicioso. Quando regressou de suas viagens, propus-lhe para esposa a filha do mais rico habitante desta aldeia. — “Vou pensar nisso, meu pai!” — respondeu-me. Algum tempo depois, veio procurar-me e dizer que amava Kélinia, sobrinha de uma nossa vizinha. Objetei-lhe que ela era pobre. Repetiu-me que a amava, que a via diariamente, da janela de casa, trabalhar

nos serviços de casa e tratar da velha tia. Que poderia eu responder? — prosseguiu o ancião. Colocai-vos no meu lugar: teríeis sacrificado a felicidade de vosso filho à avareza? Não, certamente. Que coração endurecido poderia resistir à súplica filial de um consentimento do qual depende a felicidade de sua vida? Disse que sim e meu filho se uniu a Kénilia. Há trinta anos que me bendizem com a mais viva gratidão. Não tenho filho mais terno que Imarkin. Após o casamento, confessou-me um dia que, se eu lhe tivesse obrigado a casar-se contra a vontade, teria feito uma loucura, ausentando-se para sempre. A tirania, é sabido, tem seus frutos: produz a desobediência, a rebeldia.

XXI

O barão não ouviu sem emoção esse relato que lhe avivava todas as agruras do coração. Em seguida o ancião levou o barão para uma sala onde toda a família estava reunida e fez-lhe apresentação da “avó”, de noventa e cinco anos de idade, objeto de cuidados especiais e de veneração constante, ou melhor, objeto de culto de toda a família. A matrona está sentada numa cadeira e rodeada dos netos. Era noite, hora do serão. Imarkin, o filho mais velho do ancião, sentado ao lado de sua querida Kénilia, contava histórias de viagens que a esposa e as filhas ouviam enquanto fiavam e, nas quais, os meninos que ainda não haviam viajado prendiam toda atenção. O barão olhou durante alguns momentos para aquele quadro,

que mais o comoveu; depois retirou-se para o quarto. Ficando só, mil reflexões desesperadoras assaltaram-lhe a imaginação.

— Ai de mim! — disse ele — reduzido a invejar a sorte deste ancião obscuro! Essa felicidade tão pura, de que sua família é a imagem, eu a desprezei, perdi irremediavelmente! Era pai, e não tenho mais filho! Poderia, como esse ancião, assegurar a felicidade de meu filho, receber meus netos nos braços e ver crescer em torno de mim uma família! Mas privei-me do próprio filho e estou só no mundo!

E o barão caminhando de um lado para outro, com lágrimas nos olhos, passou a noite em grande agitação.

Ora, persuadia-se de que Teófilo não mais existia e chorava sua morte; ora via-se acabrunhado pelo peso de uma miséria atroz e tremia de piedade e de dor.

Amaldiçoava então a ambição e o orgulho que haviam sido o móvel de sua conduta.

XXII

No fim da noite a fadiga e o acabrunhamento forçaram o barão a procurar o leito, e, ao cabo de algumas horas, adormeceu. Logo, porém, foi despertado por gritos alegres. Reconheceu que esse ruído tumultuoso vinha de fora e, levantando-se, abriu a janela. Viu dez ou doze barcos enfeitados com folhagens e cheios de homens, mulheres e crianças, que cantavam em coro, animados da mais viva satisfação. Aquela pequena frota dirigia-se para a casa em que ele habitava. Nesse momento o ancião bateu à porta do quarto, dizendo-lhe que em todos aqueles barcos estavam seus filhos e netos.

— Tenho seis filhas — continuou o ancião — e vê-las-eis com os maridos e filhos. Todos vêm festejar o aniversário natalício de minha mãe. To-

dos os anos, nesse dia, há uma festa semelhante... Que possa sempre ver festa tão interessante!

— Mas vossa casa não poderá abrigar toda essa gente.

— Não, porque não moramos juntos, mas, ajudado por meus filhos e genros, vamos levar nossa boa mãe nesse barco enfeitado de fitas, onde há um trono, a uma praia, distante daqui uma milha. Ali, sob uma tenda, um bom almoço estará preparado e todos almoçaremos juntos. Levantamo-nos hoje muito cedo para a pesca. Apanhamos peixe excelente.

As criadas e algumas de minhas filhas ficaram preparando o almoço. Se quisesdes ver pessoas felizes, vinde conosco.

E assim falando, o ancião conduziu o barão para a sala onde se encontrava, que era alvo de homenagens.

Estava ela cercada de todos os membros da família que puderam entrar. O ancião, ajudado pelos filhos e genros, tirou-a da cadeira onde estava sentada e levou-a para o barco, o único que tinha uma espécie de trono e estava ornamentado de fitas. Quando a veneranda velhinha foi colocada no barco, os cantos, os gritos, as aclamações recomeçaram: era o sinal de partida. Deram ao barão a honra de viajar no barco da velha *mãe* (era assim que todos a chamavam) e, depois de três quartos de hora de viagem, desembarcaram. As mulheres e moças

que ficaram na tenda para preparar o almoço, correram à praia para receberem a *mãe*.

Toda a família estava agora reunida. Retiraram a veneranda anciã do barco e imediatamente o filho, ajoelhando-se diante dela, pediu-lhe a bênção para si e todos os filhos.

A velhinha elevou as mãos trêmulas para o céu e falou:

XVIII

— Deus! — disse ela — concedei a meu filho a felicidade de que ora me vejo cercada! Que seus filhos sejam para ele o que ele tem sido para mim! Abençoei todas essas crianças que são o encanto de meus velhos dias e pagai a meu filho setenta e dois anos de felicidade que devo à sua ternura e às suas virtudes!

E a respeitável senhora deixou cair a mão encarquilhada sobre a cabeça do filho. Lágrimas então brotaram-lhe dos olhos e foram se misturar às do velho feliz: todas as demais pessoas, chorando, emocionadas, aproximaram-se da velhinha e do ancião e foram por eles abraçados com a mais viva ternura. Depois, dirigiram-se todos para a mesa, onde reinou a mais franca e pura alegria. Terminado o almoço, levaram

a velhinha para uma campina, onde todos se entregaram aos folguedos de jogos, corridas e danças. Quando o dia declinou embarcaram a velhinha e trouxeram-na para a casa.

O que o barão sofreu no decorrer de toda essa cerimônia é impossível descrever. Vendo a felicidade de toda aquela gente, o coração confrangeu-se-lhe⁶³ em remorsos e recordações amargas.

Pouco depois, o barão partiu para a Holanda e chegou a Amsterdam no fim do mês de agosto. Ali permaneceu alguns dias, seguindo depois para Utrecht. Desta cidade estava a duas léguas da morada dos Irmãos Morávios. Dá-se esse nome a uma numerosa reunião de homens e mulheres, que vivem numa grande e magnífica casa situada à entrada de uma vila chamada Zast. O barão quis ver essa casa, digna da curiosidade de todos os viajantes e para lá se dirigiu.

Um dos administradores da casa encarregou-se de lhe servir de guia. Era um velho Irmão Moravio, que falava bem francês e que respondeu com polidez e inteligência a todas as perguntas do barão. Depois de ter visto os salões da reunião das mulheres e dos homens, o barão perguntou ao guia se os Irmãos Morávios recebiam em seu seio, indiferentemente, estrangeiros de qualquer nação.

— Sim, respondeu o ancião, de todas as nações cristãs.

— Mas sois calvinistas.

— É esta a religião dominante, mas todas as demais seitas são toleradas aqui.

— O que se exige daquele que é admitido na sociedade?

— Costumes puros, amor ao trabalho e à paz.

— E recebeis pessoas casadas?

— Sim, além das salas que tiveste ocasião de ver, existem outras onde se alojam as pessoas casadas. Cada casal é alojado num cômodo vasto e confortável.

— Para ser admitido não é necessário ter uma profissão?

— Sim, ou ter conhecimentos úteis como, por exemplo, de desenho, de pintura, e dinheiro necessário para o custo do estabelecimento. Não se exige uma profissão das pessoas que têm pensões, que possuem rendas que lhes garantem viver sem trabalho.

XIV

— Procurais, sem dúvida, informações sobre a conduta daqueles que propõem a entrar para a sociedade.

— Certamente, a não ser que um dos administradores responda pela pessoa que deseja viver entre nós. Este recanto feliz e tranquilo é um asilo seguro contra a tirania: qualquer pessoa que se veja oprimida em seu país pode, mudando de nome e dirigindo-se aos anciãos morávios, ser recebido por nós e aqui viver para sempre ignorado e calmo. Este lugar, não há dúvida, tem servido mais de uma vez de refúgio à virtude infeliz e aos amantes mal sucedidos. Entretanto, encontra-se aqui o primeiro dos bens: a liberdade perfeita. Nenhum compromisso nos prende, nenhum contrato nos retêm; deixaremos esta

casa quando melhor entendermos. Mas, vinde, prosseguiu o administrador, vinde ver o lugar mais interessante de nossa habitação.

O barão, que estava mergulhado em meditação, pôs-se a caminhar atrás do guia, que o conduziu às oficinas. Todo o rez-do-chão⁶⁴ dos diferentes corpos desta grande casa está ocupado por oficinas e lojas, onde se veem ourivesarias, estofadores, sapatarias, mobiliárias, porcelanas, quadros, etc.

O barão examinou de relance todas as lojas. Passando pela de um desenhista, nela entrou. Um menino de oito anos, sentado diante de um balcão, tomava conta do negócio. Estava lendo, a cabeça baixa, e os cabelos, em grossos cachos, caíam pelo rosto, quase escondendo-o.

Levantou-se ao perceber o barão e seu guia, e, sacudindo a cabeça para se desembaraçar dos cabelos, mostrou um rosto belo e uma fisionomia tão encantadora que o barão ficou um momento imóvel.

O menino, com a graça inextinguível,⁶⁵ veio abraçar o irmão administrador que guiava o barão, chamando-o amigo.

— Este menino é francês? — perguntou o barão.

— Não, respondeu o administrador, é inglês, mas fala já três ou quatro línguas. Além disso é muito meigo, carinhoso, aplicado,

desejoso de tudo aprender. É, enfim, o menino querido da casa, todos estimam o Polidoro.

— Chama-se Polidoro?

— Sim, é seu nome de batismo.

— É também o meu! — respondeu o barão. Que ele possa ter comigo à semelhança apenas do nome e não dos sofrimentos.

A fisionomia do barão ao pronunciar essas palavras impressionou o jovem Polidoro. O menino olhou para o barão fixamente, e de repente, abraçou-o. O barão, comovido, apertou-o nos braços, dizendo:

XV

— Querido menino — exclamou — como teu pai é venturoso!

— Não como pensais! — respondeu Polidoro.

— Não, sem dúvida — acrescentou o Irmão Moravio — perdeu uma mulher, que adorava; mas encontra neste menino, no estudo, nas virtudes as únicas consolações de sua desgraça.

Nessa ocasião, o menino chorou, recordando-se da mãe querida. O barão, comovido, abraçou ainda Polidoro e, sentando-se, colocou-o sobre os joelhos.

O irmão Moravio, vendo que o barão ia ficar naquela loja, pediu-lhe permissão para o deixar por uma meia hora, e retirou-se. O barão, só com Polidoro, olhava o menino em silêncio e este,

por seu turno, o fixava com extrema atenção. No fim de alguns minutos, Polidoro, tomando uma das mãos do barão, beijou-a com ternura.

— Ó menino — exclamou o barão — parece estares lendo tudo que se passa em meu coração!

— Estimo-vos tanto... — respondeu Polidoro.

— Estimias ao barão?

— Sem dúvida. E podeis saber porque?

— Porque?

— Porque sois parecido com meu pai!

Ouvindo tais palavras, o barão sentiu o bater do coração precipitar-se e ficou um instante sem poder falar. Depois, levantando os olhos para o céu, falou:

— Ó Deus. Que singular coincidência! Será possível? O nome dado a este menino, a simpatia que ele me inspira, tudo parece anunciar-me... Fala, Polidoro, onde está teu pai? Conduz-me até ele.

— Ele deixou-me por instantes e foi ver um de nossos irmãos que se encontra enfermo.

— Onde mora esse irmão?

— Ao lado da nossa casa, em cima desta loja.

— Vamos lá.

— Pois vamos.

O barão levantou-se; Polidoro, sem ele deixar a mão, saiu, fechou a loja e conduziu o

barão a um pequeno aposento onde se encontrava uma velha criada que Polidoro encarregou de chamar o pai. O barão, tremendo de comoção, sentou-se, tendo sempre Polidoro pela mão. O excesso de inquietação dava-lhe à fisionomia um ar de espanto que intimidava Polidoro.

O mesmo não ousava mais fitá-lo. Guardavam um e outro profundo silêncio quando se ouviram passos.

— É papai! — disse Polidoro com satisfação.

XVI

A ansiedade do barão chegou ao auge... Um homem aproximou-se: o barão lançou-lhe um olhar ávido, perscrutador...⁶⁶ Nove anos de sofrimentos, de mágoas, de remorsos, tudo foi esquecido. Reconheceu o filho, Teófilo, que ali estava.

Teófilo, respirando com sofreguidão, via-se nos braços do pai: um sentimento tão natural suspendeu por um momento a tristeza que o acabrunhava. Viu o pai chorar e repetir emocionado os nomes de Teófilo e Polidoro; pareceu-lhe que recebia uma nova existência, mas, entretanto, recordações bem dolorosas vieram-lhe taldar⁶⁷ a alegria e misturar cruel amargor a momentos tão doces.

Quando o barão e Teófilo recobram a faculdade de exprimir o que sentiam, disseram,

um e outro, a mesma coisa. Ambos haviam experimentado remorsos cruéis e só tinham motivos de arrependimento pelo que haviam feito.

Teófilo, de joelhos, implorava perdão, enquanto o pai, banhado em lágrimas, suplicava-lhe esquecer o modo tirano e violento por que agira.

Enfim, o barão, depois de abraçar mil vezes o filho, tomou Polidoro nos braços, acariciando-o, com transportes de alegria.

Teófilo contemplava com emoção Polidoro no seio de seu pai, mas, no mesmo instante, por mais de uma vez, o nome de Olímpia escapou-se-lhe dos lábios.

Via-se-lhe, então, na fisionomia, a expressão da dor suceder a da alegria. E foi assim que Teófilo encontrou na própria felicidade, novos motivos de saudade e de mágoas.

Quando o barão estava mais calmo, observou, com surpresa dolorosa, a mudança fisionômica de Teófilo. Apenas com o coração pudera reconhecê-lo e, com os olhos, mal distingui-lo. Teófilo estava com trinta anos, mas uma magreza excessiva, uma horrível palidez afrontavam-lhe ao semblante o ar de juventude que ainda o podia tornar belo. O tempo destrói a jovialidade e a beleza; a desgraça, muda a expressão da fisionomia. Teófilo não possuía mais o mesmo olhar. Procurava-se-lhe em vão nos olhos o brilho que os animava outrora. Seu todo, lânguido,⁶⁸ exprimia abatimento e tristeza.

O barão não considerou com menos ternura os objetos que o cercavam. O quarto em que Teófilo passara vários anos, as paredes despidas de quadros, o leito de Teófilo e o de Polidoro, tudo que via trazia-lhe à alma amargas recordações.

Por fim o barão, tomando a mão de Teófilo, falou:

XVII

— Partamos, caro Teófilo. Afastemo-nos deste asilo obscuro onde sofrestes por tão longo tempo, desse aposento cujo aspecto me dilacera o coração. Vinde rever a pátria e trazer vosso filho à casa paterna!

— Meu pai, respondeu Teófilo, já que me perdoais e reconheceis meu filho, outra coisa não devo fazer senão consagrar-vos minha vida. Seguir-vos-ei; esperai, porém, que, pela última vez, leve Polidoro ao túmulo de sua infortunada mãe!

As lágrimas embargaram a voz de Teófilo. O barão também chorava.

Teófilo afastou-se levando Polidoro pela mão. E enquanto, pela última vez, banhava de lágrimas o túmulo de Olímpia, o barão dava ordens necessárias para a partida.

Pouco tempo depois, o barão, Teófilo e Polidoro tomaram uma viatura e dirigiram-se para Utrecht, onde chegaram à noite. No dia seguinte, o barão contou a Teófilo todas as tristezas por que tinha passado depois de sua separação.

Quando acabou de falar, Teófilo, por sua vez, relatou ao pai todo o remorso que experimentara ao deixá-lo e entrou em detalhes da fuga, de sua chegada a Londres, de seu casamento e de sua partida para a Escócia.

— Chegados a Edimburgo — continuou Teófilo — tomamos a precaução de mudar de nome. Pouco tempo depois, atirei-me ao comércio. Não possuía, porém, conhecimento dos homens e dos negócios e, por isso, fui enganado. No fim de oito meses perdi mais da metade da soma que trouxera de França.

XVIII

— Minha esposa, dez meses depois do nosso casamento, deu à luz a Polidoro. Foi então que mais senti o horror de minha situação. Lamentava o destino desta criança querida, escondendo tão amargas penas à minha esposa. Quis que ela me acreditasse feliz, sem lhe poder, no entanto, abrir meu coração para consolo próprio. Minha Olímpia, também, nunca deixou escapar uma palavra de queixa, nunca me afligiu o coração com uma reflexão triste. Ao contrário, falava-me em felicidade e supunha-me ditoso. Mais de uma vez, no entanto, a surpreendi em pranto. Interroguei-a e atribuía as lágrimas derramadas a causas estranhas à nossa situação. E assim passamos três anos na Escócia. Ao cabo desse tempo, tendo quase gasto todo o dinheiro

de minha fortuna, resolvi colocar a render juros, no nome de minha mulher e de meu filho, quinze mil francos que me restavam. Minha mulher desejava voltar à Inglaterra; acedi,⁶⁹ e partimos sem demora. Chegados a Londres, não pensava noutra coisa senão colocar os últimos destroços que restava do naufrágio, esses quinze mil francos que podiam ao menos assegurar a subsistência de minha mulher e de meu filho. Conseguido tal intento, retiramo-nos para uma aldeia a algumas milhas de Londres.

Ali seria feliz se não tivesse as amargas recordações que me tiravam o repouso. Não desejava fortuna nem grandezas, mas lamentava-me por me ver, aos vinte e dois anos, expatriado, asilado numa aldeia com a triste vítima da minha loucura e um filho destinado a viver na obscuridade e na miséria. Não podia afastar da imaginação as penas que tinha causado. Via-vos meu pai, sucumbir de dor, amaldiçoando, ao morrer, o filho culpado que vos tinha abandonado. Essa visão horrível perseguia-me por toda a parte: de dia acabrunhava-me, de noite agitava-me em sonhos sinistros. Mil vezes despertei, banhado em suores frios, em convulsões de desespero e de terror, a gritar:

— Meu pai, não termineis tão horrível maldição! Esses gritos terríveis interrompiam o sono de meu filho e ecoavam dolorosamente no coração da sensível e infeliz Olímpia.

XXIX

— Havia dois anos que tínhamos regressado à Inglaterra, quando um acontecimento imprevisto nos atirou no maior abismo da desgraça. O homem em casa do qual havia eu depositado meus quinze mil francos faliu e perdi assim tudo que possuía. Exponho à vossa sensibilidade, meu pai, o que sofri nesse momento. Enfim, encontrei nos sentimentos de esposo e de pai coragem o bastante. Aprendi o desenho quando menino e isso foi para mim de grande vantagem. Conhecia em Londres um gravador célebre. Pedia-lhe trabalho; ele o dava. Seis meses depois deu-me também um emprego em sua casa. Esse homem era Irmão Moravio e havia passado quatro anos em Zast. Falou-

me desse retiro e logo deliberei retirar-me para ali. Olímpia tinha o mesmo desejo. Falamos ao nosso generoso protetor que recomendando-nos ao administrador, fez-nos receber. Chegando a Zast, Olímpia deixou seu vestido à inglesa e seu chapéu para vestir o uniforme da casa.



Não posso dizer o que experimentei vendo-a, pela primeira vez, assim uniformizada. Sua beleza parecia mil vezes mais encantadora sob tão grosseiras vestes: olhava-a com uma ternura dolorosa e ela, lendo em meus olhos reflexões cruéis, dizia-me estar satisfeita com tais hábitos, sob os quais se sentia bem. Caí-lhe aos pés, de joelhos e banhei de lágrimas a mão generosa que ela me estendeu. E choramos... Não encontrei, no entanto, em Zast nem a felicidade perdida irremediavelmente nem o repouso que me abandonava. Dedicava à educação de meu filho os instantes que tirava ao trabalho. Amava

apaixonadamente essa criança, mas esse amor não era para mim senão uma fonte inesgotável de inquietações.

XXX

— Como poderia esperar de um filho submissão se eu não tinha tido submissão para com meu pai? Sofri muito. A saúde de Olímpia alterava-se visivelmente. Conservando sempre a doçura costumada nunca se queixava e dizia-me constantemente que não sofria. Chamei um médico de Utrecht, que me trouxe alguma calma. No fim de três meses, porém, lançou-me ao desespero pronunciando a sentença terrível que me condenava a uma dor eterna!... Olímpia tinha conhecimento de seu estado. A religião e o infortúnio ensinaram-lhe a encarar a morte com serenidade. Um padre vinha vê-la sempre, estive mesmo durante três dias em seu quarto... Oh! Quem poderia apagar da memória o horror desses três dias! Não tenho coragem de vos narrar

os momentos de dor que vivi! Olímpia, no entanto, dizia-me ser necessário a meu filho. Lêde esta carta, meu pai: contém os últimos desejos de Olímpia. Ela me tomou por seu confessor no momento em que o excesso de desespero ia sem dúvida levar-me a algum gesto funesto.

Assim falando, Teófilo tirou da carteira a carta que Olímpia lhe escreveu na véspera de morrer. O barão, sufocado pelas lágrimas, atirou-se aos braços do filho infeliz e estiveram abraçados por longo tempo. Não podiam exprimir senão por lágrimas os sentimentos que experimentavam. Enfim, o barão tomou a carta de Olímpia e depois de enxugar as lágrimas, leu o seguinte:

“Quis saber a verdade... Anunciaram-me que este seria o último dia de minha vida. Teófilo, vou, para sempre, desaparecer dos vossos olhos. O compromisso sagrado que nos une, hoje ou amanhã será desfeito. Amanhã separar-me-ei de vós e de meu filho. Que esta carta vos desvende meus sentimentos e seja um dia para meu filho lição proveitosa. Vós que por mim tudo sacrificastes, que vos privastes de um pai, da família, da pátria, não podeis crer que eu estivesse resignada com a minha sorte. Não, Teófilo. Leio em vossa alma; senti todos os vossos pesares e vos escondi os meus. Traístes pelo amor os mais sagrados deveres; não vistes na pobre Olímpia a autora de vossos pesares e a

cúmplice das vossas faltas. Perdendo vosso amor, não pude conceber a esperança de me tornar vossa amiga. Que confiança pode existir entre dois culpados esclarecidos pelos próprios erros, que sofrem na impossibilidade de os expiar e que atribuem um ao outro a culpa de tais amarguras? Era preciso calar; mas que esforço penoso ao meu coração. Sete anos, meu coração, ocupado convosco e com meu filho, nunca ousou abrir-se diante de vós.”

XXXI

“Sempre sós, sempre juntos, o nosso estudo constante foi a preocupação de dissimular. Ah! Teófilo, a ideia de uma separação eterna é para mim, sem dúvida, atroz; mas quando souberdes de que tormentos a morte me liberta não podereis lamentar a sorte que nos separa um do outro. Como suportar a vida quando se sabe que tudo o que se sofre é obra de nós mesmos? É a mim somente que devo acusar de meus infortúnios; foi minha imprudência que deu a nosso pai pretextos para romper compromissos.

Se, ouvindo melhor a razão, abjurásseis⁷⁰ o projeto, tão insensato como culposos, de fugir e de abandonar a casa paterna, talvez catequizásseis vosso pai. Era necessário aliar a traição à desobediência? Adeus, meu caro e

infeliz Teófilo! Vivei para o vosso filho e que ele possa vos causar menos mágoas que vos causei. É o meu último desejo.”

— Ah! — exclamou o barão depois de ter lido esta carta, Olímpia, a vítima infeliz da minha injustiça e da minha ambição. Estais, porém, vingado pelas dores e remorsos que sofri. Recusando a vos adotá-la como filha, fui privado da felicidade. Ó meu filho, tornei a vos ver mas não vos posso tornar feliz!

— Meu pai, disse Teófilo, consagrar-vos-ei toda minha vida, renunciando para sempre as seduções do mundo, retirado, escondido na casa paterna, não existirei senão para vós e para meu filho!

— Pois bem, disse o barão, consagremo-nos inteiramente à educação de Polidoro. Que ele passe longe do mundo a infância: formemos seu caráter na solidão; que ele conheça os encantos da vida campestre e os gostos simples, a fim de que um dia, no meio do tumulto fatigante de uma vã dissipação, possa julgá-los como os únicos prazeres puros, reais.

Teófilo aprovou, com alegria, projeto tão de acordo com os seus desejos. A execução desse projeto não tardou. O barão comprou terras a cem léguas de Paris e para lá se retirou com Teófilo e Polidoro. Se amargas recordações os impediram de ali gozar uma felicidade perfeita, encontraram, no entanto, o conforto relati-

vo. Cuidados e carinhos de Teófilo, as virtudes do jovem Polidoro fizeram o consolo e a satisfação dos últimos dias do barão. E antes de morrer, o barão teve a satisfação de assegurar a felicidade de Polidoro, escolhendo-lhe uma companheira virtuosa.

A baronesa cessou de falar e, como era cedo, conversou-se ainda por algum tempo.

— Gostei muito, disse o senhor De La Palmiere, da descrição do “Anje-Sund”. A boa velhinha de noventa e cinco anos e a refeição em família, da qual o barão foi testemunha, fizeram-me recordar das mais encantadoras festas que vi em minha vida.

XXXII

— O homem desonesto ou grosseiro não pode impor-se à estima das virtudes e o ódio ao vício. As paixões fazem-no agir em desacordo com a consciência. Essa consciência, reprovando-lhe os erros e faltas, torna-o mais apto ao julgamento das faltas de outrem. Fraco e corrupto, cede ao impulso das paixões; mas, em calma, sem interesses imediatos, condena as faltas dos outros. O que é desprezível revolta-o, o que é generoso comove-o. Mau pai, filho ingrato, não teria visto a velha avó de Auge-Sund abençoando os filhos e netos e o meu bom russo no meio da família. Admiraria esses quadros sublimes mas não será tentado a imitá-los nem obedeceria a uma lei que o obrigasse a praticá-los. Esse homem é a imagem da multidão e todos os homens geralmente são

assim. O resultado mais importante dessas reflexões é que todas as leis nascem para condenar as más ações e não para recompensar as virtudes.

Conversou-se ainda sobre assuntos vários e a senhora de Clemire anunciou que contaria no serão seguinte uma pequena e linda história. E sua promessa foi cumprida, nas seguintes palavras:

Fim de Olímpia e Teófilo⁷¹ e início de outro serão.⁷²



Notas

¹ *O Sexo Feminino* de 1873, p. 2.

² *O Sexo Feminino*, 15 de novembro de 1873, p. 4.

³ *Idem*, 7 de setembro de 1874, p. 1.

⁴ *Idem*, 14 de agosto de 1875, p. 2.

⁵ A irmandade dos Herneutes também era chamada de Irmãos da Morávia. No enredo, a tradução traz “morávios”, opção que escolhi traduzir aqui.

⁶ *O Tico-Tico*, 17 de outubro de 1923, p. 9.

⁷ *Idem*, 8 de julho de 1921, p. 10.

⁸ *Idem*, 13 de julho de 1921, p. 9. No corpo do texto, lê-se: “Mme. de Genlis foi uma literata francesa, professora dos filhos do Duque de Orléans e criadora de um sistema de educação original e prático. Entre os livros que deixou citam-se, TEATRO DE EDUCAÇÃO, ADELIA E THEODORO, OS SERÕES DO CASTELO, LIÇÕES DE UMA GOVERNANTA E CONTOS MORAIS”.

⁹ No corpo da história, haverá trechos que foram adicionados na versão publicada em *O Sexo Feminino*.

¹⁰ Chartier, 2014, pp. 187-188

¹¹ Costa & Almeida, 2017, p. 102.

¹² *Idem*, p. 124

¹³ Disponível em Internet Archive: <https://archive.org/details/lesveillesduc01genl/page/n5/mode/2up?view=theater>

¹⁴ Altamira, 2017.

¹⁵ Casanova, 2002, p. 50.

¹⁶ Altamira, 2017.

¹⁷ Assumpção, 2017.

Assumpção, 2021, p. 174.

¹⁸ A seguir, no texto, o número entre parênteses é a quantidade de ocorrências sobre cada tópico.

¹⁹ *Careta*, 5 de agosto de 1950, p. 36; *Careta*, 25 de maio de 1940, p. 6; *A Batalha*, 7 de fevereiro de 1941, p. 5.

²⁰ Lovelace faz referência ao personagem Robert Lovelace, do livro *Clarissa*, de Samuel Richardson. No enredo, Lovelace é um aristocrata libertino, que se interessa pela protagonista Clarissa. BRITANNICA, *The Editors of Encyclopaedia*. “Robert Lovelace”. Encyclopedia Britannica, 11 Feb. 2011. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Robert-Lovelace>.

²¹ *Almanach do Paraná*, 1902, p. 99.

²² *O Correio Maceioense*, 29 de agosto de 1850, p. 4.

²³ *Correio da Manhã*, 8 de agosto de 1915.

²⁴ *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, 14 de julho de 1837.

²⁵ *Pacotilha*, 6 de setembro de 1900, p. 2.

²⁶ *Diário de Pernambuco*, 24 de junho de 1983, p. 21.

²⁷ *Jornal do Recife*, 1 de dezembro de 1915, p. 1.

²⁸ *Manchete*, 17 de setembro de 1955, p. 47.

²⁹ *Corsario: Periodico Critico, Satyrico e Chistoso*, 2 de outubro de 1880, p. 4.

³⁰ Sem autor. Louis Philippe I. Disponível em: <https://en.chateauversailles.fr/discover/history/great-characters/louis-philippe-i/#king-of-the-french>.

³¹ *Jornal do Commercio*, 25 de fevereiro de 1844, p. 1.

³² Oliveira, 2014, p. 2.

³³ *Gazeta Official*, 29 de maio de 1860, p. 3.

³⁴ *Diário de Pernambuco*, 1 de setembro de 1894, p. 2; *Jornal de Recife*, 1 de setembro de 1894, p. 2.

³⁵ *O Recreio Litterario*, maio de 1851, p. 6.

³⁶ *Almanaque do Correio da Manhã*, 1946, p. 127.

³⁷ *Diário de Pernambuco*, 1864, p. 8. A inserção dos colchetes foi minha, retomando o que estava anteriormente no texto original.

³⁸ *A Regeneração*, 4 de junho de 1885, p. 2.

³⁹ Optou-se por atualizar não só a escrita dos nomes, mas a ortografia do texto que se segue também.

⁴⁰ Herdeiro, pessoa que recebe o legado.

⁴¹ A versão de *O Sexo Feminino* traz uma tradução diferente da que apresento aqui, no entanto, trechos de difícil compreensão trarão as traduções desse outro periódico no rodapé: “Mas logo o amor próprio, que engana mais do que um bom coração soube persuadi-lo que não devia senão ao seu mérito as demonstrações de interesse, e os desvelos cujo assunto ele era!”.

⁴² Gastar excessivamente. Na versão de *O Sexo Feminino*: “prazeres que se apressavam a procurar-lhe”.

⁴³ Fazenda.

⁴⁴ O final da frase foi cortado em *O Tico-Tico* e não está em *O Sexo Feminino*. Recorrendo ao texto em francês, a frase termina com “qu'elle avait tort”. A versão aqui é de tradução minha. O texto em francês pode

ser consultado em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6566569n?rk=21459;2>

⁴⁵ Ombros.

⁴⁶ Ofendido.

⁴⁷ Região ao sul de Paris.

⁴⁸ Ambição.

⁴⁹ Segundo a Infopédia, o criado grave era aquele criado do serviço particular de uma pessoa.

⁵⁰ Provocações.

⁵¹ Sustentar.

⁵² Consciente.

⁵³ Ferida.

⁵⁴ Comuna suíça na fronteira com a França.

⁵⁵ Variação de serigueiro, aquele que faz trabalhos com seda.

⁵⁶ Despedaçavam.

⁵⁷ Por curiosidade, em 1990, um luís era equivalente a cerca de 70 euros. Na época de Napoleão, um luís era igual a 20 francos, então, 500 luíses era igual a 10 mil francos. Disponível em: <https://www.journaldunet.fr/patrimoine/guide-des-finances-personnelles/1193715-louis-d-or-quelle-est-la-valeur-du-20-francs-napoleon/#:~:text=La%20valeur%20intrins%C3%A8que%20d'un,336%->

20euros%20en%20d%C3%A9cembre%202022.

⁵⁸ Carruagem alugada, puxada por apenas um cavalo.

⁵⁹ O que se deseja.

⁶⁰ Comuna francesa na região dos Pirineus.

⁶¹ Pessoa que, pelo prazer de seduzir, procura despertar o interesse amoroso de outras pessoas por meio de gestos ou pelos requintes na aparência.

⁶² Percorressem.

⁶³ Despedaçou-se.

⁶⁴ Térreo.

⁶⁵ Que não se pode exceder.

⁶⁶ Investigador.

⁶⁷ Cobrir, turvar, obscurecer, entristecer.

⁶⁸ Desprovido de energia.

⁶⁹ Aceitei.

⁷⁰ Renegásseis.

⁷¹ As ilustrações aqui anexadas são da edição francesa publicada pelos irmãos Garnier, em 1874, cerca de 100 anos após a publicação original. Essa edição está disponível na Biblioteca Nacional Francesa on-line: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6566569n/f17.item.r=uzerche.zoom>

⁷² Na versão em francês, a conversa final é bem mais longa. N'O *Tico-Tico*, buscou-se resumir essas interações, cortadas ao longo das edições do jornal, pois o foco maior era nas histórias. Lembrando que, na versão francesa, essas histórias estavam reunidas em um livro.



Referências Bibliográficas

GAUTIER, 1841, *apud* CARMO, 2019, p. 150. Disponível em: CARMO, F. “Giselle - o balé por trás das cortinas”. In: Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2019, p. 170.

CHARTIER, R. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo, Editora Unesp, 2014, pp. 187-188

COSTA, A. & ALMEIDA, C. “O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana”. In: SILVA, M. & BERTOLETTI, E. (org.). *Literatura, leitura e educação* (online). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2017, p. 102.

ALTAMIRA, J. “Madame de Genlis on the Victorian Stage”. *Cahiers victoriens et édouardiens*, n. 86 Automne, 1 nov. 2017.

CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. São Paulo, Estação Liberdade, 2002, p. 50.

ALTAMIRA, J. “Madame de Genlis on the Victorian Stage”. *Cahiers victoriens et édouardiens*, n. 86 Automne, 1 nov. 2017.

ASSUMPÇÃO, L. “Livros e leituras da imperatriz Teresa Cristina em meio à circulação de romances no século XIX”. In: *Língua, Literatura e Ensino*, 2017. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/4568/5111>. Acesso em 4/5/2023

_____. “Em meio a cartas e bibliotecas: A presença de romances no Brasil e na Rússia no século XIX”. In: Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p.174, 2021.

OLIVEIRA, P. H. “Gabinetes de leitura: origens e multiplicidades históricas de espaços socioculturais”.

In: Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, Santos, São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406573091_ARQUIVO_eLeituraOrigenseMultiplicidadesHistoricas.pdf, p. 2. Acesso em 4/5/2023

Título Olímpia e Teófilo

Autoria Madame de Genlis

Organização Victória Montes
Rodrigues

Coordenação editorial Márcia Abreu

Preparação de originais Stefanie de Souza Pereira

Revisão Brendon H. S. França

Diagramação Stefanie de Souza Pereira

Design de capa João Pedro Missi Pereira

Capa Stefanie de Souza
Pereira e Canva

Projeto Gráfico Presto Kowask

Formato 10,5 x 18 cm

Tipologia Minion Pro

Olímpia, uma jovem órfã e sem fortuna, está prometida em casamento a Teófilo, filho do Barão de Soligny. Porém, às vésperas da tão aguardada cerimônia, um acontecimento trágico põe em risco o destino de ambos. Madame de Genlis cria uma protagonista que resiste firmemente em suas convicções, sendo capaz de passar por todos os obstáculos postos em seu caminho. Intrigas, traições e amores não faltam em sua trajetória.